



Universidades Lusíada

Guedes, Fábio Alexandre Botelho, 1993-

O impacto dos estilos parentais na perceção da qualidade de vida dos filhos

<http://hdl.handle.net/11067/3605>

Metadados

Data de Publicação	2017
Resumo	A parentalidade deve ser exercida de forma positiva, e para isso é necessário que exista um relacionamento bom e seguro com a criança, o que vai possibilitar um crescimento saudável, uma educação adequada e capacitação, através do afeto e com estabelecimento de limites. A família é vista como um grupo primário de socialização, tendo um papel importante no desenvolvimento e ajustamento psicossocial das crianças e jovens. O presente estudo tem como principal objetivo perceber qual o impacto dos es...
Palavras Chave	Pais e filhos, Parentalidade, Responsabilidade dos pais, Qualidade de vida
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T05:21:28Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Mestrado em Psicologia Clínica

O impacto dos estilos parentais na perceção da qualidade de vida dos filhos

Realizado por:

Fábio Alexandre Botelho Guedes

Orientado por:

Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos

Constituição do Júri:

Presidente: Prof. Doutor António Martins Fernandes Rebelo

Orientadora: Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos

Arguente: Prof.^a Doutora Túlía Rute Maia Cabrita

Dissertação aprovada em: 16 de Novembro de 2017

Lisboa

2017



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Mestrado em Psicologia Clínica

O impacto dos estilos parentais na perceção da qualidade de vida dos filhos

Fábio Alexandre Botelho Guedes

Lisboa

Outubro 2017



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Mestrado em Psicologia Clínica

**O impacto dos estilos parentais na perceção da
qualidade de vida dos filhos**

Fábio Alexandre Botelho Guedes

Lisboa

Outubro 2017

Fábio Alexandre Botelho Guedes

O impacto dos estilos parentais na perceção da qualidade de vida dos filhos

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Lusíada de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos

Lisboa

Outubro 2017

Ficha Técnica

Autor Fábio Alexandre Botelho Guedes
Orientadora Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos
Título O impacto dos estilos parentais na perceção da qualidade de vida dos filhos
Local Lisboa
Ano 2017

Mediateca da Universidade Lusíada de Lisboa - Catalogação na Publicação

GUEDES, Fábio Alexandre Botelho, 1993-

O impacto dos estilos parentais na perceção da qualidade de vida dos filhos / Fábio Alexandre Botelho Guedes ; orientado por Tânia Gaspar Sintra dos Santos. - Lisboa : [s.n.], 2017. - Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa.

I - SANTOS, Tânia Gaspar Sintra dos, 1977-

LCSH

1. Pais e filhos
2. Parentalidade
3. Responsabilidade dos pais
4. Qualidade de vida
5. Universidade Lusíada de Lisboa. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Teses
6. Teses - Portugal - Lisboa

1. Parent and child

2. Parenthood

3. Parenting

4. Quality of life

5. Universidade Lusíada de Lisboa. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Dissertations

6. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. HQ755.85.G84 2017

Errata – Dissertação de Mestrado “O impacto dos estilos parentais na percepção da qualidade de vida dos filhos”, realizada por Fábio Alexandre Botelho Guedes

Páginas	Linhas	Onde se lê	Deve ler-se
VII	13	“...meu colegas de curso...”	“...meus colegas de curso...”
VII	22	“...pelo enorme ajuda...”	“...pela enorme ajuda...”
3	4	“...contexto exerge...”	“...contexto exerce...”
4	1	“...interações directas...”	“...interações diretas...”
4	18	“...aplidado de modelo...”	“...apelidado de modelo...”
5	16	“...existinto uma principal...”	“...existindo uma principal...”
5	24	“...novas...”	“...novos...”
8	15 e 20	“...actividades...”	“...atividades...”
9	6	“...que afetam directamente...”	“...que afetam diretamente...”
10	22	“(Borstein, 2002; Coleman & Karraker, 1997)”	“(Bornstein, 2002; Coleman & Karraker, 1997)”
15	1	“(Cardoso & Verríssimo, 2013; Cruz, 2013; Hoff et al., 2002)”	“(Cardoso & Veríssimo, 2013; Cruz, 2013; Hoff et al., 2002)”
15	5	“...grandes factores...”	“...grandes fatores...”
16	14	“...as crinaças...”	“...as crianças...”
17	22	“...afeto-hospitalidade...”	“...afeto-hostilidade...”
19	17	“...expetativas.”	“...expectativas.”
19	21	“Os factores...”	“Os fatores...”
22	14	“...actividades físicas...”	“...atividades físicas...”
25	11	“...das competências parentais...”	“...dos estilos parentais...”
26	3-6	“...(5) Compreender a relação entre os estilos parentais dos pais e a percepção que estes têm da qualidade de vida dos filhos; (6) Procurar avaliar e compreender a relação entre a percepção da qualidade de vida dos filhos e os estilos parentais existentes;...”	“...(5) Compreender a relação entre os estilos parentais dos pais e a percepção que estes têm da qualidade de vida dos filhos.”
27	16	“...utilizando quando...”	“...utilizado quando...”
29	12	“...constituído por...”	“...constituído por...”
30	15	“...capaz de diferentes...”	“...capaz de avaliar diferentes...”
30	19	“...alpha de Cronbach...”	“...alfa de Cronbach...”
31	14	“...de actividades...”	“...de atividades...”
32	15	“...foram utilizados...”	“...foram utilizadas...”
32	17	“Coficientes de correlação...”	“Coeficientes de correlação...”
34	14	“...respeitadando assim...”	“...respeitando assim...”
37	5	“...ESE elavado...”	“...ESE elevado...”
41	12	“...a percepção...”	“...a percepção...”
42	11	“(Baumrind, 1967; Cardoso & Verríssimo, 2013)”	“(Baumrind, 1967; Cardoso & Veríssimo, 2013)”
44	24	“...uma percepção...”	“...uma percepção...”
76	d2.	“...meus objectivos...”	“...meus objetivos...”

Ao meu património de afeto,
mãe, pai e irmão.

E a ti, estrelinha no céu, Tiago Miguel
Carrilho.

Agradecimentos

Agradeço à Professora Doutora Tânia Gaspar, pelo apoio, disponibilidade, orientação, incentivo e confiança, cruciais para a realização de todo este percurso académico. Obrigado por tudo!

À Professora Doutora Túlia Cabrita, pela dedicação, auxílio, disponibilidade e carinho durante estes anos.

À Professora Doutora Teresa Santos, por partilhar comigo muito do seu conhecimento e pela enorme ajuda, preocupação e afetividade.

Um obrigado especial à Professora Doutora Margarida Gaspar de Matos, pela confiança, carinho e ajuda. Bem como, a toda à Equipa Aventura Social, pela ajuda, preocupação e compreensão nos momentos mais difíceis.

Um especial agradecimento à Ana Cerqueira, minha colega de estágio, amiga e grande apoio. Obrigado pela tua paciência inesgotável, presença e palavras motivadoras.

Um agradecimento a todos os meu colegas de curso, pelos anos de partilha e experiência. Em especial à Ana Martins, Mariline Fernandes, Tânia Carvalho, Jennifer Domingues, Anaísa Santo e Patrícia Júlio, minhas companheiras de percurso, obrigado por todas as vivências e partilhas longas.

À Ana Sereno, pela pessoa especial e fantástica que é, e pela sua enorme amizade, disponibilidade e carinho.

À Tânia Lopes, amiga e irmã, pelo apoio, palavras de motivação e confiança.

Aos meus pais, por serem o meu porto seguro e por estarem sempre comigo, nos melhores e piores momentos, permitindo-me voar. Amo-vos.

Por fim, ao meu irmão, pela paciência (quase) inesgotável, pelo enorme ajuda neste anos e pelo seu amor incondicional.

Resumo

A parentalidade deve ser exercida de forma positiva, e para isso é necessário que exista um relacionamento bom e seguro com a criança, o que vai possibilitar um crescimento saudável, uma educação adequada e capacitação, através do afeto e com estabelecimento de limites. A família é vista como um grupo primário de socialização, tendo um papel importante no desenvolvimento e ajustamento psicossocial das crianças e jovens.

O presente estudo tem como principal objetivo perceber qual o impacto dos estilos parentais na qualidade de vida dos filhos, segundo a perceção dos pais. Desta forma, foram inquiridos pais com filhos entre os 6 e os 16 anos de idade, recorrendo-se a dois instrumentos de medida, a EMBU-P (Castro, Pablo, Gómez, Arrindell & Toro, 1997; adaptado por Canavarro & Pereira, 2007a), para os estilos parentais e o KIDSCREEN-10 (Kids-10) (Gaspar, Matos, Pais-Ribeiro & Leal, 2009a), para a qualidade de vida, com um n=1096, com idades compreendidas entre os 20 e os 80 anos (M=41,65), sendo 78% do género feminino.

Os resultados obtidos apresentam uma diferença entre os estilos parentais e a perceção que os pais têm relativamente à qualidade de vida dos seus filhos, quanto ao género e o estatuto socioeconómico dos pais/família. Por outro lado, foi também encontrada uma relação entre a qualidade de vida dos filhos (percecionada pelos pais) e o estilo permissivo.

Palavras-chave: Estilos parentais; Qualidade de vida percecionada; Crianças; Jovens; Parentalidade; Família.

Abstract

Parenting should be exercised positively, and for this it is necessary the existence of a good and safe relationship with the child, which will enable healthy growth, an adequate education and capacitation through affection and with the imposition of limits. The family is seen as a primary group, one of socialization, playing an important role in the development and psychosocial adjustment of children and young people.

The principal objective of this study is to understand the impact of parenting styles on children's quality of life, according to their parents' perception. For this purpose, parents with children between 6 and 16 years of age were interviewed, using two methods of measurement, the EMBU-P (Castro, Pablo, Gómez, Arrindell & Toro, 1997; adapted by Canavarro & Pereira, 2007a), for parenting styles and KIDSCREEN-10 (Kids-10) (Gaspar, Matos, Pais-Ribeiro & Leal, 2009a), for quality of life, with a $n = 1096$, with ages between 20 and 80 years ($M = 41.65$), 78% of which are female.

The results obtained present a difference between the parental styles and the perception that the parents have regarding the quality of life of their children, regarding the gender and the socioeconomic status of the parents/family. On the other hand, a relationship was also found between the children's quality of life (perceived by the parents) and the permissive style.

Keywords: Parenting styles; Perceived quality of life; Children; Youths; Parenting; Family.

Lista de abreviaturas, siglas, acrónimos e símbolos

- % - Percentagem
- α - Alfa de Cronbach
- B - Coeficiente não padronizado
- DP - Desvio padrão
- EMBU-P - Egna Minnen Bertraffande Uppfostan – Parents version
- ESE - Estatuto socioeconómico
- F - Variância
- Kids-10 - Kidscreen-10
- M - Média
- Max. - Máximo
- Min. - Mínimo
- n - Número de participantes da amostra
- OMS - Organização Mundial de Saúde
- QV - Qualidade de vida
- QVRS - Qualidade de vida relacionada com a saúde
- SPSS - Statistical Package for Social Sciences
- t - Teste t
- WHO - World Health Organization

Índice

Resumo	IX
Abstract.....	XI
Lista de abreviaturas, siglas, acrónimos e símbolos	XIII
Índice	XV
Índice de tabelas	XVII
Índice de anexos	IX
Introdução.....	1
Enquadramento teórico.....	3
Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner	3
Família	5
Parentalidade	7
Fatores sociodemográficos e parentalidade.....	12
Idade	12
Género	13
Estatuto socioeconómico	14
Estilos parentais.....	15
Qualidade de vida das crianças e adolescentes.....	19
Metodologia.....	25
Questão de investigação	25
Objetivos específicos.....	25
Caracterização da amostra	26
Tipo de estudo.....	27
Instrumentos	28
EMBU-PAIS	28

KIDSCREEN-10	30
Procedimentos	31
Recolha de dados	31
Tratamento e análise dos dados	32
Apresentação dos resultados.....	33
Análise da variância (ANOVA).....	35
Correlações	37
Regressões	38
Discussão	41
Conclusão	47
Referências bibliográficas	51
Anexos	51
Anexo A.....	38

Índice de tabelas

Tabela 1.....	33
Tabela 2.....	34
Tabela 3.....	35
Tabela 4.....	35
Tabela 5.....	36
Tabela 6.....	36
Tabela 7.....	37
Tabela 8.....	38
Tabela 9.....	39
Tabela 10.....	39

Índice de anexos

Anexo A – Protocolo utilizado no estudo geral dos fatores parentais.....	65
--------------------------------------------------------------------------	----

Introdução

O presente trabalho centra-se na importância dos estilos parentais em relação à qualidade de vida, que os pais percebem dos seus filhos, pois os estilos parentais são importantes no processo de crescimento de uma criança.

As famílias são diversas vezes objeto de estudo, relativamente à influência destas no desenvolvimento dos sujeitos, e do tipo de relações que se estabelecem entre os pais e os filhos (Alarcão, 2002). Ao longo dos anos, o conceito de família tem sofrido várias alterações, em relação ao tipo de estrutura, mas tem mantido a sua função de apoio básico de qualquer sociedade e os papéis familiares, embora com algumas alterações (Dias, 2011).

Ao longo deste trabalho, a parentalidade será estudada com base no modelo ecológico do desenvolvimento humano de Urie Bronfenbrenner (1977), este centra-se, numa perspetiva ecológica, de forma a ser possível compreender qual a perceção que os pais têm em relação à qualidade de vida dos seus filhos, e de que forma é que os seus estilos parentais podem influenciar essa perceção.

Ao longo da literatura, podemos identificar duas dimensões principais na interação dos pais com os filhos, as práticas parentais e os estilos parentais. As práticas parentais estão relacionadas com as estratégias educativas utilizadas pelos pais para alcançar determinado objetivo, enquanto que os estilos parentais estão relacionados com um conjunto de práticas que retratam o padrão de interação dos pais com os filhos (Darling & Steinberg, 1993). Foi através dos estudos realizados por Baumrind (1966), que se começou a dar mais importância ao estudo do impacto das práticas e estilos parentais nas várias dimensões da vida do indivíduo, quer a nível afetivo, quer a nível comportamental (Grzybowski & Wagner, 2010). Desta forma, este estudo exploratório pretende compreender esta relação entre os estilos parentais e a perceção que os pais têm da qualidade de vida dos seus filhos, uma vez que no

que diz respeito à literatura, estas duas variáveis ainda não foram consideradas de forma conjunta.

A recolha de dados será realizada utilizando-se uma abordagem quantitativa, através de uma amostra de pais com filhos entre os 6 e os 16 anos, com o objetivo de analisar a percepção da qualidade de vida que os pais possuem dos filhos, tendo em consideração o seu estilo parental.

Este estudo será constituído por um enquadramento teórico, onde será apresentado o tema em análise, seguido de um capítulo relativo à metodologia, com a descrição da questão de investigação, os objetivos e os instrumentos utilizados para recolha de dados.

Posteriormente serão apresentados os resultados obtidos, seguidos de uma discussão dos mesmos. Por fim, serão apresentadas as conclusões finais, bem como as principais limitações do estudo e sugestões futuras.

Enquadramento teórico

Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner

O modelo ecológico do desenvolvimento humano de Urie Bronfenbrenner (1977), surgiu, quando este escreveu o livro *A ecologia do desenvolvimento humano*, em 1976, destacando a influência que o meio e o contexto exerce sobre o indivíduo e o seu desenvolvimento, contrariando a importância que era dada aos fatores individuais (Bronfenbrenner, 1977; Tudge, 2007). Contudo, embora tenha sido Bronfenbrenner (1994), o principal responsável por este modelo, este trabalho desenvolvido por si, foi o resultado de um trabalho que teve por base a análise e integração de resultados de vários estudos empíricos de outros investigadores.

Bronfenbrenner (1977) refere que para existir uma melhor compreensão do desenvolvimento humano é necessário existir uma observação geral do indivíduo, tendo em atenção os vários contextos em que o ser humano está inserido, sendo necessário observar não apenas o indivíduo em si, mas sim os restantes elementos e pessoas à sua volta, bem como os restantes contextos. Esta perspetiva ecológica observa o indivíduo além do seu sistema familiar, de forma a conseguir analisar que outros fatores podem ter influência no indivíduo, isto acontece, por exemplo, nos locais de trabalho ou noutros ambientes culturais (Bornstein & Sawyer, 2006).

O modelo ecológico de Bronfenbrenner (1977), reforça que o desenvolvimento humano está relacionado com a existência de vários sistemas (ecológicos), que se relacionam entre si, o microsistema, o mesossistema, o exossistema, o macrossistema e o cronossistema. Assim, para Urie Bronfenbrenner (1994) o microsistema está relacionado com o dia-a-dia do indivíduo, com todas as relações interpessoais básicas que são desenvolvidas, com a família mais próxima (pai, mãe, irmãos, avós, por exemplo), mas também no contexto escolar, ou

com outros adultos com quem convivemos no dia-a-dia, ou seja, são as interações directas com agentes sociais (pessoa-pessoa e pessoa-ambiente), em que o sujeito não é passivo, pois ajuda na construção do microsistema, influenciando assim a interação com o mundo que o rodeia. O mesossistema, por sua vez, está relacionado com as interações entre dois ou mais locais, onde o indivíduo desenvolve as suas relações, por exemplo, a inter-relação entre o contexto familiar e o contexto escolar. Por outro lado, o exossistema, é a interação entre dois ou mais ambientes, em que pelo menos num deles não existe a participação directa do indivíduo, mas a verdade é que este sofre influência indirecta, afetando assim o seu desenvolvimento. Por exemplo, o trabalho dos pais, pode ser um exossistema, quando os pais transmitem aos filhos a ansiedade causada pelo trabalho, como defende Bornstein (2002). Já o macrosistema, está relacionado com os padrões culturais, com os valores, as crenças, as ideologias, ou os sistemas políticos, e estes vão sendo adquiridos ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Por último, o cronossistema, são os acontecimentos temporais, que influenciam a mudança e a estabilidade do indivíduo, por exemplo, a mudança de casa ou de trabalho, assim como as alterações ao nível da família.

Ao longo da vida, Bronfenbrenner (1999), foi fazendo atualizações ao seu modelo de desenvolvimento humano, acrescentando novos componentes e elementos, dando origem a um modelo mais dinâmico, apelidado de modelo/teoria bioecológica do desenvolvimento humano, este propõe que o desenvolvimento humano deve ter em atenção a inter-relação entre a pessoa, o processo, o contexto e o tempo (Poletto & Koller, 2008; Tudge, Mokrova, Hatfield & Karnik, 2009). A pessoa é as características pessoais de cada indivíduo e como este se relaciona dentro de cada contexto. O processo é a interação entre o indivíduo e o ambiente, de acordo com os papéis e atividades que desempenha. O contexto é o ambiente em que o indivíduo está inserido (micro, meso, exo, macro e cronossistema). Por último, o

tempo são as mudanças que vão ocorrendo ao longo do desenvolvimento (Martins & Szymanski, 2004; Tudge, 2007).

Família

O conceito de família tem vindo a sofrer algumas alterações ao longo dos anos, devido aos fatores de desenvolvimento e progresso das sociedades, que provocam alterações, principalmente nas novas formações do sistema familiar (novos tipos de famílias), mas apesar das alterações, a essência do conceito mantém-se (Dias, 2011). Dias (2000, p. 81) refere que a família é um “grupo social no qual os membros coabitam unidos por uma complexidade muito ampla de relações interpessoais, com uma residência comum, colaboração económica e no âmbito deste grupo existe a função da reprodução”, sendo também “um conjunto de pessoas unidas por laços sanguíneos e/ou afetivos, em interação contínua.” (Alarcão, 2002, p. 99), ou seja, a família é assim vista como um grande grupo primário, de socialização, tendo um grande papel no desenvolvimento das crianças, bem como no seu comportamento (Baumrind, 1991; Dias, 2000), daí a importância que é dada à qualidade dos cuidados parentais (Sroufe, 2000).

Desde sempre, que a família é objeto de estudo, existindo uma principal preocupação com os tipos de relações existentes na mesma (Dias, 2000), pois a família é na realidade um sistema dinâmico, constituído por outros subsistemas que se relacionam entre si, e que apresentam funções específicas na própria sociedade, como é o caso do afeto, da educação, da socialização ou das funções reprodutoras (Dias, 2011). Desta forma, estes sistemas estão em constante interação, o que faz com que exista uma influência direta de alguns membros da família sobre outros, bem como na própria dinâmica familiar (Pinto, 1997), a qualidade das relações é uma das causas principais para o desenvolvimento da família e dos seus membros.

A evolução do conceito de família deu origem a novos tipos de família, novas

conceitos, novas composições e funções, como a família nuclear, as uniões de facto, as famílias recompostas, as famílias monoparentais e as famílias homossexuais (Dias, 2000; 2011; Giddens, 2000), deixando de lado o modelo tradicional dominante (Dias, 2000), pois embora a família seja considerada uma das instituições mais persistentes no tempo, a verdade é que também ela tem vindo a sofrer com os processos de industrialização e urbanização, aos quais se tem tentado adaptar (Saraceno & Naldini, 2003). Dessen e Polonia (2007), foram mais longe e salientaram que a própria evolução tecnológica e económica que se tem feito sentir nos últimos anos, tem deixado marcas fortes ao nível da estrutura e da organização das famílias, assim como nos padrões e papéis familiares desempenhados por cada elemento da família.

Ao longo do tempo, vão ocorrendo alterações importantes no ciclo vital do sistema familiar, que de certa forma pode passar por várias etapas, como: a formação do casal, a família com filhos, a família com filhos na escola e a família com filhos adultos. Ou seja, a família inicia-se com a formação de um casal e depois vai-se alterando com o nascimento dos filhos, quando estes se tornam alunos, adolescentes e mais tarde adultos, e este processo é rotativo, voltando a surgir sempre que o primeiro filho forma a sua nova família, alargando as relações e formando um novo sistema familiar (Dias, 2011). Rutter (1987), refere que a família apresenta uma elevada influência na socialização do indivíduo, reforçando que a relação familiar é fundamental para o desenvolvimento pessoal e social ao longo do ciclo de vida.

Sendo a família um sistema de inter-relações, como referido anteriormente, estas fases são importantes, pois estão ligadas ao conceito de parentalidade, uma vez que refletem fases de relacionamento entre pais-filhos. No entanto, de forma a compreender melhor o tema em estudo, é importante aprofundar os subsistemas conjugais, existentes no sistema familiar, são

eles: o subsistema conjugal, o subsistema filial, o subsistema parental e o subsistema fraternal (Alarcão, 2002; Dias, 2011). O primeiro está relacionado com a formação do casal, altura em que os dois adultos partilham e desenvolvem uma relação, o que poderá significar alguma perda de identidade, “mas um ganho em sentido de pertença, complementaridade, cooperação, simbiose” (Dias, 2011, p. 149). O subsistema filial surge com o nascimento do primeiro filho o que leva a modificações no sistema familiar original, e o mesmo acontece sempre que surge um novo filho. O sistema fraternal, está relacionado com as relações estabelecidas entre os irmãos, que podem permitir a cooperação entre ambos. Por último, o sistema parental está associado à educação, à socialização e à proteção, em diferentes níveis (Alarcão, 2002; Dias, 2011).

Parentalidade

Para a psicologia, o termo parentalidade é relativamente recente, no entanto de grande importância, na medida em que permite compreender e caracterizar o impacto das consequências parentais nos próprios filhos. Desta forma, em psicologia, a parentalidade é o conjunto das funções e atividades desenvolvidas pelos progenitores ou cuidadores, com o objetivo de promover um crescimento e desenvolvimento pleno e saudável da criança a seu cargo (Cruz, 2013). O termo parentalidade, é cada vez mais frequente nos dias de hoje, acompanhando as mudanças familiares e sociais, principalmente associadas às alterações familiares como a introdução da mulher no mercado de trabalho, assim como as imposições que os mercados laborais, cada vez mais, exercem sobre os indivíduos, não tendo em consideração as famílias ou as responsabilidades dos seus membros, enquanto pais responsáveis (Dias, 2011; Mesquita, 2013).

Houzel (2004), salienta que apesar do termo parentalidade, ter surgido através de Paul-Claude Recamier em 1961, o mesmo só volta a aparecer, aproximadamente, vinte anos

depois, em 1985, por René Clément, quando este tenta explicar que ser pai não é apenas ser progenitor, para um indivíduo se tornar pai/mãe são necessários vários processos mentais complexos, alguns conscientes, e outros inconscientes, sendo esta considerada uma fase de desenvolvimento psicoafetivo, tanto para o pai, como para a mãe.

Desta forma, a parentalidade é hoje reconhecida como “um conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade” (Cruz, 2013, p. 13). Assim, a parentalidade envolve uma função de proteção, educação e integração, deixando de ser algo da inteira responsabilidade das famílias biológicas, diluindo-se para outras redes familiares (ou não), ajudando assim a promover um crescimento e desenvolvimento saudável e feliz, com bem-estar e qualidade de vida (Hoghughi, 2004).

Hoghughi (2004) aprofundou a questão da parentalidade, desenvolvendo assim um modelo teórico, modelo dimensional da parentalidade, este agrupa as dimensões da parentalidade, em três áreas, a área das actividades parentais, a área funcional e a área dos pré-requisitos operacionais. Este modelo teórico surge inicialmente como um auxiliar na avaliação das práticas parentais, pois permitia ter uma maior noção da complexidade que acarreta o processo educacional de uma criança, provando que este processo pode ser realmente muito exigente (Barroso & Machado, 2010).

Sendo assim, a área das actividades parentais está relacionada com a prática de cuidados físicos, emocionais e sociais, e tem como objetivo a prevenção e/ou diminuição de problemas e dificuldades para a criança, de forma a que esta não sofra, ou seja, é a procura ativa de um desenvolvimento saudável e feliz da criança e a imposição de limites e disciplina, relacionado com o desejo parental de desenvolvimento do potencial da criança, em todas as

áreas de funcionamento. A segunda área, denominada como área funcional, engloba questões relacionadas com a atenção e a vigilância parental, principalmente a nível da saúde física, psicológica e nas relações sociais da própria criança. Para Hoghughi (2004), são os pais que influenciam o domínio social da criança, pois os progenitores/cuidadores devem assumir um papel de ajuda na aquisição de ferramentas como a comunicação e a adequação às normas culturais e sociais, que afetam directamente o comportamento social da criança. Por última, a área dos pré-requisitos operacionais diz respeito ao desempenho parental, que segundo o modelo dimensional da parentalidade são: a compreensão, o reconhecimento das necessidades da criança, os recursos (as qualidades e consequências parentais, assim como as próprias redes sociais), a motivação e as oportunidades, aqui as oportunidades podem ser, por exemplo o tempo de qualidade que é gasto com os filhos. Esta terceira área da parentalidade refere-se às capacidades fundamentais que os progenitores/cuidadores devem ter para que exista um bom processo parental, com afetividade, isto é a necessidade de identificar as próprias carências e necessidades básicas da criança ao longo do seu ciclo de vida (Hoghughi, 2004).

Os estudos realizados sobre a parentalidade estão principalmente relacionados com os comportamentos parentais, ou como Baumrind (1967) refere, comportamentos educativos parentais, focando a sua relevância nos estilos ou práticas parentais, que incluem os valores, as atitudes e os comportamentos (Cruz, 2013). Vários estudos salientam a influência desses estilos e práticas, no desenvolvimento das crianças (Baumrind, 1967, 1971; Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts & Dornbusch, 1994). Sendo assim, existe a necessidade de distinguir estilos parentais de práticas parentais, já que os estilos parentais estão relacionados com as atitudes que os pais apresentam face à criança, que são independentes dos comportamentos e que tem influência na qualidade das interações e nas relações dos próprios

pais com os seus filhos. Por sua vez, as práticas parentais estão relacionadas com os comportamentos ou estratégias que os pais exercem nas suas responsabilidades parentais com a intenção de obter um determinado objetivo de socialização por parte da criança, ou seja, os pais tentam demonstrar aos filhos como é que estes pretendem que eles se comportem e reajam em determinadas situações (Darling & Steinberg, 1993).

Pode-se então concluir, que o exercício da parentalidade consiste nas atitudes e ações parentais utilizadas com o intuito de assegurar o desenvolvimento saudável da criança, com a maior qualidade de vida e bem-estar possíveis. Dos progenitores/cuidadores espera-se que ajudem no desenvolvimento da criança a todos os níveis (físico, psicológico e social), agindo como facilitadores do processo de crescimento e desenvolvimento, desde que a criança nasce (infância), até a idade adulta (Barroso & Machado, 2010), os pais são responsáveis pela preparação destas crianças para o mundo e para as dificuldades que vão enfrentar durante o seu desenvolvimento, sendo necessário desempenhar um papel ativo nas técnicas de ajustamento a desenvolver (Bornstein, 2002).

A parentalidade é encarada por muitos pais como uma dádiva, mas por outros é visto como uma fonte de frustração, com um medo constante de falhar (Bornstein, 2002). A parentalidade apresenta um grande desafio, com grandes compromissos e uma disponibilidade, quase total, para os filhos, o que cada vez mais, devido ao ritmo de trabalho, torna-se difícil, levando a que grande parte dos pais não vivenciem a parentalidade na sua plenitude, assim surge a necessidade de se falar das diferentes competências e estilos parentais percebidos, uma vez que cada indivíduo vive e desempenha de forma diferente a parentalidade (Bornstein, 2002; Coleman & Karraker, 1997).

A realidade da educação parental é relativamente recente, o termo educação parental surge apenas no século XX, nos Estados Unidos da América, com o desenvolvimento de

várias organizações e departamentos universitários relacionados com a investigação do desenvolvimento infantil, focados para a parentalidade, o que permitiu chegar a vários resultados relativos aos métodos e práticas educativos existentes (Jalongo, 2002).

Em Portugal, por sua vez, a educação parental é ainda mais recente, os estudos sobre a família e o impacto que esta pode ter no desenvolvimento e crescimento das crianças e adolescentes surge na década de 50, mas apenas nas últimas décadas verificou-se um aumento do interesse na temática (Oliveira, Siqueira, Dell’Aglia & Lopes, 2008). Através de programas desenvolvidos por departamentos universitários começam a surgir partilhas de experiências sobre a parentalidade, observando-se uma mudança nas iniciativas desenvolvidas e direcionadas aos progenitores/cuidadores, existindo, no entanto, algum receio por parte destes, quanto aos programas de educação parental desenvolvidos, bem como ao verdadeiro papel do psicólogo. No entanto, a educação parental ainda não é assumida como uma intervenção, independente das capacidades parentais, mas sim focada na prevenção do desenvolvimento de comportamentos disfuncionais (Cruz, 2013; Dore & Lee, 1999).

Estudos mais recentes, como o estudo de Lopes e Dixe (2012) referem que o envolvimento parental e o suporte familiar, por exemplo, são sinónimos de práticas parentais mais positivas, referindo também que é necessário que a parentalidade seja exercida de forma positiva, mas para isso é necessário que exista um bom relacionamento com a criança, um relacionamento seguro, onde existe uma preocupação com a mesma, e onde o superior interesse da criança seja o mais importante, o que vai possibilitar um crescimento saudável, uma boa educação e capacitação, tudo isto com a imposição de limites e sem recurso à violência. Para que exista uma parentalidade positiva, deve existir um foco nas potencialidades e pontos fortes da criança, assim como nos pontos fortes dos

progenitores/cuidadores, potenciando as suas particularidades. Respler-Herman, Mowder, Yasik e Shamah (2012), referem que os comportamentos parentais vão tendo níveis de importância diferentes ao longo da vida da criança, e que existem também comportamentos que são mais importantes para a criança, do que outros, como por exemplo a ligação afetiva, a responsividade e a sensibilidade.

Pode-se, assim, relacionar a parentalidade positiva com a utilização de recursos de apoio, do respeito e do amor, durante todo o processo de crescimento e desenvolvimento da criança, de forma a promover uma maior auto-estima e auto-confiança, fundamentais nos primeiros anos de vida do indivíduo (American Academy of Pediatrics, 2005). Como conclusão, a parentalidade, no geral, é então influenciada por fatores intrínsecos como extrínsecos ao indivíduo, nomeadamente a personalidade, a responsabilidade percebida, assim como a percepção do bem-estar e a qualidade de vida que os progenitores/cuidadores têm, mas também as questões biológicas e sociais inerentes (Bornstein, 2002; Cruz, 2013), que a par da evolução do sistema familiar, também permitem compreender a correlação entre as práticas e os estilos parentais existentes (Baumrind, 1971).

Fatores sociodemográficos e parentalidade

Idade

A questão da idade dos progenitores não tem sido vista pela investigação como uma variável de grande destaque, não existindo quase literatura sobre o impacto da idade dos pais relativamente à variável da parentalidade.

Canavarro e Pereira (2007a), quando avaliam os estilos parentais, com recurso à versão portuguesa do EMBU-P (Egna Minnen Beträffande Uppfostran – Parents version), referem nos seus resultados que quanto maior é a idade dos progenitores, menos positiva é a percepção dos mesmos, em relação aos comportamentos que estes apresentam com os seus

filhos, nomeadamente no que diz respeito ao comportamento de rejeição e de controlo para com os filhos. No entanto, o estudo supracitado, permite perceber que existe de facto uma relação entre a idade dos progenitores, as práticas e as dimensões dos estilos parentais utilizados pelos pais para com os seus filhos.

Desta forma, devido à falta de literatura existente, pretende-se com este estudo exploratório compreender e caracterizar o impacto da idade dos pais, nos estilos parentais utilizados, bem como na perceção da qualidade de vida dos filhos.

Género

Ao contrário do que acontece com as idades dos progenitores, os investigadores têm aprofundado mais sobre a questão do género, sendo normalmente apresentada como uma dimensão importante nos estudos relativos à família e práticas parentais (Walker, 1999), uma vez que os pais podem apresentar ideias distintas, já que o seu processo de socialização foi diferente ao longo da vida, assim como a sua experiência parental, pois ambos vivem a mesma experiência de maneira diferente (Cruz, 2013).

Alguns estudos, tendo por base a teoria dos sistemas familiares, referem que existem diferenças significativas na forma de avaliar os estilos parentais nos dois progenitores, pois os estilos parentais dos progenitores são interdependentes, e é essa relação/correlação que leva ao desenvolvimento das crianças e jovens (Block, Block & Morrison, 1981; Lindsey & Mize, 2001; Russell et al., 1998; Winsler, Madigan & Aquilino, 2005). Por outro lado, existem estudos que referem que podem não existir diferenças nos estilos parentais, entre os progenitores masculino e feminino (Hein & Lenko, 1994).

Desta forma, e uma vez que já existem algumas pesquisas neste sentido, e de acordo com a abordagem tipológica de Baumrind (1967), pode-se referir que existe uma tendência por parte dos progenitores masculinos, para manifestarem práticas parentais mais ligadas a

um estilo parental mais autoritário, principalmente no que diz respeito à disciplina, pois os pais são normalmente mais rígidos, por outro lado, as mães manifestam práticas parentais mais relacionadas com o estilo participativo/autoritativo e/ou permissivo (Russell et al., 1998; Winsler et al., 2005), isto porque normalmente no contacto com os filhos os homens são mais práticos ou focados no concreto, enquanto que as mulheres são apontadas como mais expressivas a nível afetivo, com níveis mais altos de envolvimento e empenho (Russell et al., 1998; Walker, 1999).

Canavarro e Pereira (2007a), referem no seu estudo de validação da EMBU-P, para a versão portuguesa, que as mães apresentam normalmente níveis mais elevados na perceção relativa às dimensões avaliadas pela EMBU-P, ou seja, o suporte emocional, a rejeição e tentativa de controlo, o que representam um elevado envolvimento parental por parte das mães, em todas as dimensões avaliadas relativamente ao comportamento parental.

Estatuto socioeconómico

Muitos estudos salientam que a relação entre a parentalidade e o estatuto socioeconómico influencia o comportamento dos pais face à criança, assim como o processo de desenvolvimento da criança, pois a classe social em que cada progenitor está inserido (classe social baixa, média e elevada), está normalmente associada às práticas parentais, assim como aos valores, normas, atitudes e ideais de cada um (Hoff, Laursen & Tardif, 2002).

Cruz (2013), defende que pais de classe social média/alta são mais orientados para o afeto, mais responsivos aos estados internos da criança, por outro lado, os pais de classes mais baixas utilizam mais as técnicas de afirmação do próprio poder e preocupam-se com os comportamentos que as crianças manifestam. Estes resultados foram validados também por Pinderhughes, Dodge, Bates, Pettit e Zelli (2000). Baumrind (1967), na sua abordagem tipológica, salienta que os pais de classe social mais alta são autoritativos e/ou permissivos,

enquanto que os pais de classe mais baixa são mais autoritários (Cardoso & Verríssimo, 2013; Cruz, 2013; Hoff et al., 2002).

Segundo Cruz (2013), as principais diferenças que se verificam no estatuto socioeconómico, em relação às práticas e estilos parentais, estão relacionadas, essencialmente, com três grandes factores, nomeadamente: as condições de vida e da habitação; os valores, atitudes e ideais parentais; assim como a atribuição de causalidade.

No entanto, o que realmente importa compreender a nível do estatuto socioeconómico (ESE) é as diferenças entre as práticas e os estilos parentais de cada progenitor, assim como a presença dessas diferenças no meio familiar.

Estilos parentais

A compreensão da relação entre as práticas parentais e os estilos parentais, no crescimento e desenvolvimento da criança, são fundamentais para compreender a formação da personalidade, como também o estabelecimento dos padrões e estilos parentais. Como já foi referido anteriormente, Darling e Steinberg (1993), consideram que é necessária essa distinção empírica entre práticas e estilos parentais (Cardoso & Veríssimo, 2013; Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

Desta forma, os estilos parentais são um padrão de comportamento parental, que criam um clima emocional, onde os pais expressam os seus comportamentos e atitudes face à criança, direccionados para um objetivo específico, as suas práticas e/ou comportamentos parentais, e que são vistos como uma atitude global das interações que ocorrem entre os progenitores/cuidadores e a criança, como: o tom de voz, a linguagem corporal ou a mudança de humor, por exemplo (Darling & Steinberg, 1993).

Baumrind (1967) foi a principal investigadora no ramo da parentalidade, que numa abordagem tipológica, debateu-se sobre a influência dos pais no desenvolvimento das

crianças e jovens (Cardoso & Veríssimo, 2013), verificando que a dimensão de responsividade e de controlo eram importantes para um bom domínio das práticas parentais (Pacheco, Silveira & Schneider, 2008). Desta forma, Baumrind (1971), identificou e desenvolveu três estilos parentais, tendo por base as diferentes relações dos pais com os seus filhos, na comunicação, no controlo, no calor afetivo e na exigência de maturidade, sendo esses três estilos: o autoritário, o participativo/autoritativo e o permissivo, decisivos para o desenvolvimento das crianças.

Pais com um estilo autoritário caracterizam-se por serem mais controladores e punitivos, tentando modelar o comportamento das crianças, algumas vezes com recurso à punição verbal e/ou física. Valorizam a obediência absoluta e exigem dos filhos uma elevada maturidade. As manifestações de afeto são pouco frequentes e consideram que as suas normas e palavras devem ser, incontestavelmente, aceites pelas crianças (Baumrind, 1966).

Por outro lado, pais com um estilo mais participativo/autoritativo influenciam positivamente as crianças nos diversos contextos sociais (escola e comunidade, por exemplo). Neste estilo parental são estabelecidos limites e normas de comportamento através de um clima mais afetivo e a comunicação entre pais-criança é também mais positiva. Os pais mais participativos também apresentam uma grande exigência no que diz respeito à maturidade dos seus filhos, mas têm em consideração as necessidades de desenvolvimento, os interesses, as capacidades e as características individuais das crianças. Segundo os estudos de Baumrind (1966, 1971), é este o estilo mais adequado para o desenvolvimento de programas de intervenção com pais.

No estilo permissivo, os pais aceitam as atitudes dos filhos, sem grandes exigências de maturidade ou estabelecimento de normas. São pais calorosos, que apresentam uma relação afetiva com os filhos, assim como a existência de comunicação positiva, contudo os pais não

se constituem como agentes de modelagem, evitam atitudes de controlo e permitem à criança gerir o seu comportamento (Baumrind, 1966, 1971). Posteriormente, Maccoby e Martin (1983) dividiram este estilo parental em dois (indulgente e negligente), sendo que no estilo indulgente os pais dão resposta aos pedidos das crianças, sem recurso a normas ou deveres, já no estilo negligente, os pais não se envolvem nas funções parentais, desresponsabilizando-se das suas funções ao longo da vida da criança, assegurando apenas a satisfação das suas necessidades básicas, a nível físico, psicológico e social (Maccoby & Martin, 1983 cit. por Weber et al., 2004). Antes de Maccoby e Martin, Baumrind (1971) já tinha apresentado um quarto estilo parental, o estilo negligente, neste caso os pais negligentes são pais com um baixo nível de afeto e controle para com os seus filhos.

No seguimento destes estilos parentais, Rollin & Thomas (1979) definiram três dimensões avaliadas pela EMBU-P, designadas por dimensão de suporte emocional, dimensão de tentativa de controlo e dimensão de rejeição. A dimensão de suporte emocional está relacionada com o tipo de comportamento que os pais têm para com a criança, e que fornece à criança o sentimento/sensação de conforto, de que é aceite pelos progenitores. Por outro lado, a dimensão de tentativa de controlo refere-se aos comportamentos dos pais com o objetivo de direcionar o comportamento da criança para aquilo que eles desejam. Por última, a dimensão de rejeição diz respeito aos comportamentos que os pais têm para com os filhos, com o objetivo de alterar as vontades da criança, e que é percebida por esta como uma rejeição a si mesmo (Canavarro & Pereira, 2007a).

Estas três dimensões estão relacionadas com as duas dimensões principais do comportamento parental, são elas a afeto-hospitalidade e a permissividade-restritividade. A primeira engloba os fatores da dimensão do suporte emocional e da dimensão de rejeição, enquanto a segunda diz respeito aos fatores da dimensão de tentativa de controlo (Canavarro

& Pereira, 2007b).

Maccoby e Martin (1983), reformulam as duas dimensões do comportamento parental, a que dão o nome de: responsividade e exigência, dando origem a um novo modelo, o modelo bidimensional (cit. por Beato, Pereira & Barros, 2016), sendo que também Baumrind, já tinha referido estas dimensões de responsividade e exigência exercidas pelos progenitores, como dimensões a ter em conta no comportamento parental (Baumrind, Larzelere & Owens, 2010; Cardoso & Veríssimo, 2013; Weber, 2004), e onde a dimensão de responsabilidade/desresponsabilidade está relacionada com a rejeição *versus* o suporte, e por outro lado, a dimensão de exigência tem a ver com o controlo exercido pelos pais *versus* a ausência de exigência (Maccoby & Martin, 1983 cit. por Beato et al., 2016).

A literatura reforça que o comportamento da criança e o comportamento parental estão intimamente ligados, assim como a família e o seu tipo de constituição, também interferem no desenvolvimento do indivíduo, bem como na maturidade emocional de cada um, sendo o estilo parental adotado muito importante e determinante no desenvolvimento e na formação da criança, bem como nas suas próprias características de personalidade, o que reforça o papel dos cuidadores no exercício das práticas parentais (Azevedo & Maia, 2006; Winnicott, 1975, 2001). Crianças e jovens são favorecidos em ambientes que sejam mais firmes, mas afetivos, do que quando criados em ambientes em que o estilo parental dominante é o autoritário ou autoritativo (Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbusch, 1991).

As investigações no ramo da parentalidade vão mais longe, reforçando a ideia de que entre muitos fatores, existem preditores importantes para um bom desenvolvimento físico e emocional por parte da criança, nomeadamente a qualidade de comunicação existente entre os pais, o tempo de qualidade dispensado com as crianças, bem como a satisfação conjugal, o que influencia diretamente a perceção que os pais e os filhos têm da qualidade de vida da

criança, dentro da própria família (Cruz, 2013; Kreppner, 2000).

Sendo assim, surgiu a necessidade de aprofundar a influência dos estilos parentais na percepção que os próprios progenitores têm da qualidade de vida dos seus filhos.

Qualidade de vida das crianças e adolescentes

A Organização Mundial de Saúde (OMS), refere-se a qualidade de vida como sendo um conceito muito amplo, englobando a percepção do indivíduo sobre a sua vida, os seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (WHO,1994), principalmente quando se fala do futuro das novas gerações, dando assim um maior foco aos primeiros anos de vida do indivíduo (Goes & Barros, 2015). Desta forma, a Organização Mundial de Saúde (OMS) realizou um programa de saúde mental, em que foi explorado o termo qualidade de vida, bem como a sua importância, de forma a poder ser utilizada para avaliar a própria qualidade de vida das pessoas em diferentes culturas e permitir medir diferenças ao longo do tempo, em resposta a circunstâncias de mudança de vida, sendo a sua definição uma das principais dificuldades deste tema (WHO, 2012).

A definição de qualidade de vida (QV) da OMS (WHO, 2012) é então centrada na percepção do indivíduo relativa à sua posição de vida, envolvendo um contexto cultural e de sistemas de valores, analisando também os seus objetivos, expectativas, normas e preocupações. Ou seja, uma visão complexa da pessoa, incorporando a saúde física, o estado psicológico, nível de independência, relações pessoais, crenças e a sua relação com as principais características do seu ambiente. A QV deixou assim de estar apenas relacionado com o bem-estar e a saúde do indivíduo. Os factores económicos, o percurso desenvolvido pelo indivíduo, passaram também a estar presentes no próprio conceito e definição de qualidade de vida (Pereira, Teixeira & Santos, 2012). Por sua vez, Wallander (2001), considera que a qualidade de vida em crianças e adolescentes deve ser vista como a

combinação do bem-estar subjetivo e objetivo em vários domínios da vida, relacionados com a cultura e o tempo histórico, e tendo em atenção os direitos humanos universais.

Apesar de existirem muitas definições para QV, a verdade é que alguns estudos referem que existe consenso em relação às componentes que envolvem a qualidade de vida e o bem-estar subjetivo, sendo principalmente dois desses componentes: a satisfação com a vida e as relações afetivas, sejam elas positivas ou negativas (Gaspar & Matos, 2008).

Contudo o conceito de QV, também surge com duas vertentes distintas, ou seja, a QV em termos gerais e a QV relacionada com a Saúde (Gaspar, Matos, Ribeiro & Gonçalves, 2005).

Moreno-Jiménez e Castro (2005), descrevem três dimensões que permitem avaliar a qualidade de vida das crianças e adolescentes, são elas: a dimensão do funcionamento psicológico, a dimensão do social e por última a dimensão do estatuto funcional. A primeira está relacionada com o estado afetivo, a segunda com as relações estabelecidas com a rede de contacto familiar e de amigos, e a última está relacionado com a capacidade que a criança tem, ou não, de realizar atividades, de acordo com a sua idade.

Os estudos centrados no bem-estar e na qualidade de vida subjetiva das crianças incluem normalmente as interações entre os dados demográficos, as características pessoais e interpessoais, adotando assim uma perspectiva ecológica (Harding, 2001), teoria essa já apresentada anteriormente, como o modelo ecológico de Bronfenbrenner (1994). As crianças e os adolescentes são os atores sociais das suas próprias vidas, mas também das vidas daqueles com quem coabitam e na sociedade onde vivem (Warming, 2003). As crianças e adolescentes necessitam de apoio e relações positivas para que consigam manter uma sensação de bem-estar e conseqüente QV (Oishi, Diener & Lucas, 2007).

Apesar de tudo, durante anos, a investigação relativa a QV esteve durante muito tempo associada a populações com patologia (como doenças crónicas e/ou psicológicas), ou

então ao bem-estar e à qualidade de vida da população idosa (Soares et al., 2011).

Na promoção da QV, os modelos teóricos utilizados com crianças e adolescentes são normalmente, o modelo cognitivo e de aprendizagem, baseados na tomada de decisão. Ao longo do programa, as crianças e adolescentes conhecem os vários comportamentos considerados de risco para a sua qualidade de vida e saúde, e com recurso a várias estratégias cognitivas têm a oportunidade de desenvolver um comportamento, considerado, mais adequado (Gaspar, Matos, Ribeiro & Leal, 2006, 2009).

Gaspar e Matos (2008) desenvolveram uma investigação sobre a qualidade de vida dos jovens portugueses, no âmbito do projeto KIDSCREEN, onde foram detetados valores mais elevados em Portugal, comparativamente com outros países, á exceção de três dimensões onde não se verificaram diferenças significativas, como na dimensão da saúde e atividade física, na dimensão sobre o ambiente escolar e a aprendizagem, assim como na dimensão sobre si próprio. A análise da QV em crianças e adolescentes permite identificar fatores de risco, assim como os fatores de prevenção desses mesmo fatores de risco, uma vez que os adolescentes com doença crónica apresentaram valores mais baixos que os adolescentes sem doenças.

O projecto KIDSCREEN consistiu no desenvolvimento de um instrumento de medida, com o principal objetivo de analisar a qualidade de vida de crianças e adolescentes (Gaspar e Matos, 2008), sendo o KIDSCREEN-10 um dos instrumentos utilizados neste estudo.

Por outro lado, a qualidade de vida relativa à saúde (QVRS) é um constructo multidimensional, em que “é importante ter em conta a perceção de saúde das crianças, nomeadamente, física, cultural, envolvimento social, *stressores* sociais, comportamentos de saúde, e processos psicossociais, tais como, estilos de *coping* e suporte social.” (Gaspar & Matos, 2008, p. 27). Esta abordagem da QV, da criança e do adolescente, é importante de

forma a fornecer informações importantes para a QVRS, servindo assim para auxiliar na identificação e desenvolvimento de novas estratégias com vista à promoção de uma qualidade de vida superior (Helseth & Lund, 2005).

De acordo com estudos realizados, o nível de concordância entre pais e filhos depende muitas vezes da dimensão que está a ser explorada, pois às vezes os pais não possuem a perceção real da qualidade de vida relativamente à saúde dos seus filhos, principalmente no que diz respeito ao bem-estar social e emocional (Jokovic, Locker & Guyatt, 2004), sendo que para Chang e Yeh (2005), as respostas dos pais relativamente aos seus filhos, menores de 12 anos, podiam ser utilizadas como sendo as respostas reais das crianças, já que as concordâncias entre ambos são bastante significativas, no entanto, o mesmo não se verifica com os filhos adolescentes. Eiser e Morse (2001), reforçam a ideia de que a perceção dos pais e dos filhos relativamente à qualidade de vida relacionada com a saúde dos filhos pode ser diferente. Os pais tendem a percecionarem a qualidade de vida dos seus filhos como melhor do que aquilo que os seus filhos percecionam, exceto em relação à saúde, actividades físicas, sentimentos e *bullying*, sendo que os pais percecionam as questões de dinheiro e de amizades de forma mais negativa do que os seus filhos (Gaspar, Matos, Batista-Foguet, Ribeiro & Leal, 2010a).

Por outro lado, vários estudos referem que a perceção das raparigas sobre a sua qualidade de vida relacionada com a saúde é mais baixa do que a dos rapazes, em todas as dimensões, menos na dimensão dos amigos ou do contacto social (Gaspar et al., 2010a; Matos, Gaspar & Simões, 2012).

A avaliação da qualidade de vida relativa à saúde em criança e adolescentes permite recolher informações com o objetivo de desenvolver novas formas de promoção da qualidade de vida das crianças e jovens, no entanto a promoção de saúde nesta faixa etária envolve um

apoio ativo do bem-estar físico, psicológico e social da criança e adolescente, tendo em atenção os fatores que colocam em risco o bem-estar dos mesmos (Gaspar et al., 2009b).

Desta forma, o objetivo principal deste estudo é então obter evidências para que seja possível comprovar qual a influência dos estilos parentais na qualidade de vida dos filhos, segundo a percepção que os pais tem dessa mesma qualidade de vida, já que com base nos últimos estudos a percepção da QV dos filhos, por parte dos pais, apresentam resultados significativamente estatísticos (Chang & Yeh, 2005; Matos et al., 2012).

Metodologia

Questão de investigação

Este estudo surge da necessidade de compreender e caracterizar o impacto dos estilos parentais na qualidade de vida dos filhos, segundo a perceção dos pais. Após toda a pesquisa de literatura realizada, existiu necessidade de investigar sobre um tema atual como a qualidade de vida, o bem-estar e os estilos parentais, de acordo com as vivências de cada sujeito, pois ao longo do tempo, as relações vão evoluindo e a necessidade de contacto permanente começa a diminuir, fazendo com que a família se distancie/aproxime, o que inevitavelmente provoca sensações diferentes de pessoa para pessoa (Sanders & Morawska, 2014).

Desta forma, a questão central deste estudo é compreender e caracterizar o impacto das competências parentais na qualidade de vida dos filhos, percecionada pelos pais, bem como a influência do mesmo no bem-estar da família.

Objetivos específicos

O objetivo deste estudo é compreender o impacto das competência parentais na qualidade de vida dos filhos, sendo importante incluir e explorar as vivências afetivas e de vida dos participantes.

Para o presente estudo definiram-se os seguintes objetivos específicos:

- (1) Compreender as diferentes dimensões dos estilos parentais (suporte emocional; rejeição e tentativa de controlo);
- (2) Compreender e caracterizar o impacto da idade dos pais, na perceção dos estilos parentais;
- (3) Compreender e caracterizar o impacto do género dos pais, na perceção dos estilos parentais;

(4) Compreender e caracterizar o estatuto socioeconómico onde a família está inserida, e a influência dos estilos parentais.

(5) Compreender a relação entre os estilos parentais dos pais e a percepção que estes têm da qualidade de vida dos filhos;

(6) Procurar avaliar e compreender a relação entre a percepção da qualidade de vida dos filhos e os estilos parentais existentes;

Caracterização da amostra

Neste estudo, a amostra é constituída por indivíduos de ambos os géneros, tendo os seguintes critérios de inclusão: a) apresentarem disponibilidade para colaborar; b) independência do ponto de vista psicológico (condições cognitivas que não impossibilitem responder de forma consciente e autónoma aos instrumentos aplicados); c) progenitores de filhos com idades compreendidas entre os 6 aos 16 anos de idade.

Por outro lado, os critérios de exclusão a ter em conta foram os seguintes: a) recusa de participação no estudo b) sintomas de dificuldades cognitivas (como a atenção e/ou memória, por exemplo, que impossibilitaram responder de forma autónoma aos instrumentos).

Foram inquiridos 1212 indivíduos, com recurso a um questionário em papel e plataforma online (*software questback*). Após analisados, foram excluídos 116 questionários, que não respondiam a pelo menos 80% do mesmo, resultando assim numa amostra total (n=1096). No entanto, em algumas variáveis, o total de respostas varia do total da amostra, sendo que nem todos os participantes responderam à totalidade do questionário.

A média de idades dos pais inquiridos é de 41,65 anos de idade (DP=5,92), com idades compreendidas entre os 20 (Min.) e os 80 anos (Max.).

Relativamente ao género, verifica-se uma amostra de mães, superior, à dos pais, com uma representação dos géneros, de 78% mães (n=855) e 22% pais (n=241).

No que se refere à caracterização do estatuto socioeconómico (ESE), pode observar-se que existe uma discrepância entre os estatutos socioeconómicos, sendo que o estatuto socioeconómico mais baixo se encontra com valores mais elevados (49%), não se evidenciando um equilíbrio em relação aos restantes (ESE elevada com 35,4% e ESE médio com 15%).

Os dados foram recolhidos maioritariamente na zona da grande Lisboa, Sintra e Cascais, abrangendo ainda a população de Coimbra, Porto, Castelo Branco, Leiria, Évora e Algarve.

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo, onde são utilizados dados quantitativos, recolhidos por um questionário, partindo da ideia de que existe uma relação causa-efeito entre as variáveis, recorrendo-se ao uso de técnicas estatísticas (Almeida & Freire, 2007). Ou seja, uma pesquisa com o objetivo de analisar informações recolhidas sobre o objeto em estudo (Cervo, Silva & Bervian, 2007), analisando os padrões de acordo com a recolha de dados quantitativa efetuada.

Este mesmo estudo apresenta um carácter exploratório, utilizando quando se investigam assuntos ou temas que ainda não foram explorados e/ou relacionados, em estudos anteriores (Gonçalves, 2014).

Instrumentos

Neste estudo foram utilizados três instrumentos, um de análise qualitativa (questionário sociodemográfico) e, a fim de complementar a investigação, recorreram-se a dois instrumentos quantitativos, tais como: EMBU-PAIS (Canavarro & Pereira, 2007); e o KIDSCREEN-10 para pais (Gaspar, Matos, Pais-Ribeiro & Leal, 2009a).

O instrumento qualitativo utilizado será o questionário sociodemográfico, em que as questões serão elaboradas pelo investigador (Anexo A). O questionário está dividido em duas partes, sendo que na primeira parte figuram os dados sociodemográficos, relacionados com a pessoa, e a segunda parte refere-se à história familiar e aos dados dos filhos (a escolaridade, o tipo de ensino que frequentam e as atividades extracurriculares).

Este instrumento parece ser adequado, uma vez que, segundo os estudos de Quivy e Campenhoudt (1992), este tipo de instrumento envolve as opiniões, representações, crenças e informações factuais, relacionadas diretamente com os indivíduos questionados, para além de que se trata de um instrumento de observação não participante, ou seja, o investigador não interage com o objeto de estudo/inquirido no momento em que é aplicado o questionário, apenas observa, não existindo interação (Carmo & Ferreira, 2005).

EMBU-PAIS

A escala EMBU para pais (Anexo A), é utilizada para avaliar os estilos parentais educativos, segundo a perceção dos progenitores (Canavarro & Pereira, 2007a).

É um instrumento de medida genérica, multidimensional e multicultural. A versão original desta escala é da autoria de Castro, Pablo, Gómez, Arrindel e Toro (1997) com o nome de Egná Minnen Bertraffande Uppfostan – Parents version, sendo a tradução em português da autoria de Canavarro e Pereira (2007a), num estudo com 287 pais e 401 mães de 442 crianças, com idades compreendidas entre os 8 e os 11 anos.

Este questionário é composto por uma escala e através dela é possível medir e calcular os estilos parentais com base nas características da própria percepção que os progenitores desenvolvem (Canavarro & Pereira, 2007a).

A escolha deste questionário ocorreu da necessidade de avaliar e compreender as competências e os estilos parentais em Portugal, com recurso a um instrumento validado para a população portuguesa. Assim, recorreu-se ao uso de um instrumento de fácil compreensão e resposta por parte da população alvo, possibilitando uma rápida aplicação. É um instrumento constituído por 42 itens, avaliados numa escala de Likert, com 4 pontos (não, nunca; sim, às vezes; sim, frequentemente; sim, sempre), que avaliam três fatores relacionados com os estilos parentais: o suporte emocional, a rejeição e a tentativa de controlo (Pereira, Barros & Beato, 2013).

O suporte emocional é constituído por 14 itens (1, 10, 16, 20, 21, 22, 27, 28, 30, 32, 36, 40, 41 e 42), está relacionado com a expressão verbal e física do suporte afetivo, a aceitação e a disponibilidade psicológica e física dos pais. A rejeição contém 17 itens (2, 4, 5, 8, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 25, 31, 33, 34, 35, 37 e 38), associados com a não aceitação da criança, manifestada muitas vezes pela agressão verbal e não verbal, mas também por uma certa hostilidade por parte dos pais. Por último, a tentativa de controlo é constituída pelos últimos 11 itens (3, 6, 7, 9, 15, 19, 23, 24, 26, 29 e 39) relativos as ações/attitudes controladoras dos pais em relação aos filhos, apresentando em alguns casos um elevado nível de exigência (Relações, Desenvolvimento & Saúde, 2015).

Esta escala apresenta uma consistência interna, considerada elevada, no estudo original, com um alfa de Cronbach de alcance entre 0,56 a 0,78 (Castro et al., 1997), e com um intervalo de 0,71 a 0,82 na versão portuguesa (Canavarro & Pereira, 2007b).

KIDSCREEN-10

O KIDSCREEN é um instrumento genérico, utilizado para avaliação e medição da qualidade de vida e é utilizado para compreender a percepção que os pais têm da qualidade de vida dos filhos, relacionada com a saúde e os fatores sociais e pessoais promotores de qualidade de vida nas crianças (Gaspar, Matos, Pais-Ribeiro & Leal, 2008).

Esta escala foi desenvolvida originalmente pelos elementos do Projecto Colaborativo e Europeu Kidscreen (The KIDSCREEN Group Europe, 2004), que desenvolveu assim um instrumento estandardizado com o objetivo de medir a qualidade de vida das crianças e dos adolescentes, sendo a versão portuguesa traduzida por Gaspar et al., (2008).

O KIDSCREEN-10 resulta da versão original do KIDSCREEN-52, e constitui um instrumento unidimensional, recomendado para estudos com uma grande amostra. Quanto maior for o valor apresentado pela amostra neste instrumento, maior é a percepção de qualidade de vida, bem como a adequação e a satisfação com a mesma e com o contexto em que está inserida (Gaspar et al., 2010b).

As análises estatísticas adicionais referem que é um instrumento capaz de diferentes grupos, tais como: crianças e adolescentes com baixos resultados na escala de afluência familiar; crianças e adolescentes com problemas comportamentais ou com elevado número de queixas psicossomáticas. Para além disso, a escala apresenta uma boa confiabilidade da consistência interna, com um alpha de Cronbach de 0,82, que permite uma medida precisa e estável (The KIDSCREEN Group Europe, 2004).

Os 10 itens da Kids-10, abordam sintomas afetivos de humor deprimido, sintomas de concentração perturbada, aspetos psico-vegetativos de vitalidade, energia e bem-estar, bem como aspetos psicossociais, correlacionados com aspetos da saúde mental (capacidade de diversão com os amigos e como se sentem na escola).

Trata-se de um instrumento de fácil entendimento e resposta, sendo esses 10 itens, avaliados numa escala de Likert, com 5 categorias (nada; pouco; moderadamente; muito; totalmente) (Erhart et al., 2009).

Procedimentos

Recolha de dados

A recolha de dados foi realizada com recurso a um questionário (Anexo A), elaborado em parceria com outros investigadores, no âmbito do projeto de competências parentais coordenado pela Professora Doutora Tânia Gaspar, com o objetivo de caracterizar e compreender os fatores parentais, como os estilos parentais, a dinâmica familiar, o suporte social ou como estes influenciam o bem-estar dos filhos, entre os 6 e os 16 anos, sendo para este estudo específico utilizados apenas os dados sociodemográficos, a escala EMBU-P e o Kids-10. Os dados deste estudo foram recolhidos por todos os elementos do projeto.

Num primeiro momento, foram contactadas algumas escolas do país, centros de estudos e centros de actividades e tempos livres, de forma a obter autorização dos conselhos administrativos/diretivos das escolas e centros. Em alguns casos foi possível aplicar diretamente os questionários, aos pais, noutras os questionários foram deixados ao cuidado de pessoas responsáveis pelos locais, e que depois fizeram chegar ao investigador. Foi também desenvolvida uma versão online do questionário, construído com recurso ao *software questback*, disponibilizado nos locais indicados em cima, mas também partilhado nas redes sociais.

Importante salvaguardar que em ambos os questionários (em papel e/ou plataforma online), foram explicados os objetivos do estudo, salientando-se a participação voluntária e a possibilidade de recusa em participar, assegurando o carácter de confidencialidade dos dados, não existindo respostas erradas ou certas. A aplicação do instrumento teve um tempo

aproximado de resposta de 30 minutos e decorreu sem dificuldades.

Após o processo de recolha de dados, foi necessário proceder-se à numeração e organização de todos os questionários, sendo necessidade emparelhar os questionários referentes aos casais (em que ambos os progenitores responderam), atribuindo-lhes um código igual.

Tratamento e análise dos dados

O tratamento de dados foi realizado com recurso ao programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 22.

Foi realizada inicialmente uma análise descritiva dos dados, relativamente ao tamanho da amostra e distribuição das percentagens, média e desvio padrão. Procedeu-se de seguida à análise dos estilos parentais, associações entre os estilos parentais e as variáveis sociodemográficas (idade, género e estatuto socioeconómico dos pais), analisando-se também a relação entre a perceção dos estilos parentais e a perceção que os pais têm da qualidade de vida dos filhos.

Tendo em conta os objetivos propostos, foram utilizados os seguintes recursos:

- a) Análises descritivas, para as variáveis sociodemográficas;
- b) Coeficiente de correlação de Spearman, que avalia a relação entre variáveis contínuas, que tendem a mudar juntas, embora não tenham necessariamente de mudar de uma forma contínua;
- c) Análise de variância (ANOVA), permite avaliar a importância de um ou mais fatores, comparando médias de vários grupos;
- d) Modelos de regressão linear, de forma a analisar qual o poder explicativo do modelo entre variáveis, bem como as variáveis que influenciam o mesmo.

Apresentação dos resultados

Tendo em consideração os objetivos e a questão de investigação proposta, serão apresentados os resultados obtidos no estudo. Em primeiro lugar, apresentam-se as análises para o estudo e descrição das variáveis. Em segundo lugar, analisa-se a confiabilidade das escalas utilizadas, seguindo-se a análise de variância e regressão linear das dimensões em estudo.

Tabela 1

Distribuição das dimensões da escala EMBU-P

EMBU-P	M	DP
Suporte emocional	3,36	0,38
Rejeição	1,62	0,26
Tentativa de controlo	2,60	0,38

Na análise da Tabela 1 pode-se constatar que na dimensão suporte emocional, a média de respostas dos inquiridos encontra-se nos 3,36, sendo a hipótese de resposta mínima de 1 e a máxima de 4. Por outro lado, na dimensão rejeição verifica-se uma média de respostas de 1,62. Por fim, a dimensão de tentativa de controlo apresenta uma média de resposta de 2,60.

A dimensão que apresenta a média mais elevada é a dimensão do suporte emocional, aproximando-se do limite máximo de resposta, o que indica valores positivos de suporte emocional, pois quanto maior for o valor desta dimensão, maior suporte emocional é dado pelos pais aos filhos. Por sua vez, quando mais elevados forem os valores nas dimensões de rejeição e tentativa de controlo, maior será o impacto negativo destas dimensões na criança, verificando-se normalmente a presença de um estilo parental mais autoritativo ou autoritário. Importante referir que a dimensão de tentativa de controlo é mais inconstante em alguns casos, uma vez que engloba a supervisão parental.

Desta forma, pode verificar-se que os inquiridos apresentam respostas mais positivas nas duas primeiras dimensões e mais negativas na última, uma vez que esta última apresenta uma média de quase 3.

Tabela 2

Distribuição da dimensão da escala Kids-10

	M	DP
Kids-10	3,94	0,53

Pode-se observar (Tabela 2) que a média de respostas na escala de qualidade de vida dos filhos, percebida pelos pais, é de 3,94, numa escala de likert de 5 pontos. Sendo uma escala unidimensional podemos constatar que apresenta uma cotação positiva e elevada, o que revela que a percepção, da maioria dos pais inquiridos, em relação à qualidade de vida dos seus filhos, é uma sensação de felicidade e percepção de adequação e satisfação com os contextos da vida dos filhos.

Posteriormente, foram analisados os índices de consistência interna através do cálculo do alfa de Cronbach (Tabela 3), das duas escalas utilizadas. A estrutura fatorial da escala EMBU-P foi forçada a estrutura original, respeitando assim a versão original da escala, composta por três fatores (suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo), assim como a escala Kids-10, unidimensional.

Tabela 3*Confiabilidade da escala EMBU-P e Kids-10*

Fatores	M	DP	α
EMBU-P			
Suporte emocional (F1)	3,36	0,38	0,83
Rejeição (F2)	1,62	0,26	0,71
Tentativa de Controlo (F3)	2,60	0,38	0,65
Kids-10	3,94	0,53	0,81

Analisando a Tabela 3, verifica-se que, relativamente à escala EMBU-P, o índice de consistência interna do fator 1 corresponde ao suporte emocional, com um alfa de Cronbach = 0.83 (boa), o fator 2 corresponde a rejeição, com um alfa de Cronbach = 0.71 (boa) e o fator 3 corresponde à tentativa de controlo, com um alfa de Cronbach = 0.65 (aceitável). Por outro lado, em relação a escala Kids-10, relacionada com a perceção que os pais têm da qualidade de vida dos filhos, o índice de consistência interna da escala é de 0,81 (boa). Os valores de consistência interna foram analisados de acordo com Pereira e Patrício (2013).

Análise da variância (ANOVA)**Tabela 4***Diferenças entre idades*

Dimensão	Até aos 35 anos		36-45 anos		46 ou mais anos		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
EMBU-P							
Suporte Emocional	3,38	0,41	3,39	0,37	3,29	0,39	5,85**
Rejeição	1,69	0,29	1,60	0,24	1,63	0,27	5,50**
Tentativa de controlo	2,74	0,37	2,59	0,38	2,54	0,37	10,26*

Nota: **p < 0,01; *p < 0,05

Analisando os resultados obtidos (Tabela 4), observa-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de idades para todas as variáveis: o suporte emocional [$F(2,978)=5,85$; $p=0,003$], a rejeição [$F(2,938)=5,50$; $p=0,004$] e a tentativa de controlo [$F(2,969)=10,26$; $p=0,001$]. Observa-se que existem diferenças estatisticamente significativas nos grupos de idades, sendo a dimensão de suporte emocional a que apresenta maior destaque.

Tabela 5*Diferenças entre géneros*

Dimensão	Feminino		Masculino		F
	M	DP	M	DP	
EMBU-P					
Suporte Emocional	3,41	0,35	3,18	0,43	65,96***
Rejeição	1,62	0,25	1,61	0,27	0,15
Tentativa de controlo	2,61	0,38	2,56	0,37	2,18

Nota: *** $p < 0,001$

Os resultados obtidos (Tabela 5), indicam que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos na dimensão suporte emocional [$F(1,980)=65,96$; $p=0,001$]. Verifica-se que as mães apresentam uma perceção de suporte emocional mais positiva que os pais ($M=3,41$; $DP=0,35$).

Tabela 6*Diferenças entre o estatuto socioeconómico*

Dimensão	Elevado		Médio		Baixo		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
EMBU-P							
Suporte Emocional	3,43	0,37	3,38	0,33	3,31	0,40	10,85***
Rejeição	1,60	0,24	1,64	0,25	1,63	0,28	1,17
Tentativa de controlo	2,45	0,35	2,64	0,32	2,70	0,38	50,42***

Nota: *** $p < 0,001$

Tendo em conta os resultados obtidos (Tabela 6), observa-se que existem diferenças significativas entre o estatuto socioeconómico na dimensão suporte emocional [$F(2,975)=10,85$; $p=0.001$], sendo o ESE elevado o que apresenta uma média superior ($M=3,43$; $DP=0,37$). Contudo, na dimensão tentativa de controlo [$F(2,970)=50,42$; $p=0.001$], o ESE elevado destaca-se dos restantes ESE em estudo ($M=2,45$; $DP= 0,35$).

Correlações

Tabela 7

Correlações entre variáveis

Variáveis	Suporte emocional	Rejeição	Tentativa de controlo	Kids-10
Suporte emocional	--			
Rejeição	-0,198***	--		
Tentativa de controlo	0,170***	0,251***	--	
Kids-10	0,365***	-0,285***	0,066*	--

Nota: *** $p < 0,001$; * $p < 0,05$

Com base na análise da Tabela 7 pode constatar-se que, as correlações entre as variáveis em estudo são:

a) O suporte emocional tem uma relação significativa negativa com a rejeição, ou seja, quanto maior for a perceção de suporte emocional, menor será a perceção de rejeição, e vice-versa. Por sua vez, o suporte emocional tem uma relação significativa positiva com a tentativa de controlo e a perceção da qualidade de vida dos filhos, assim, quanto maior é a perceção de suporte emocional, maior será a tentativa de controlo e a qualidade de vida percebida;

b) A rejeição tem uma relação significativa positiva com a tentativa de controlo, quanto maior é a rejeição, maior é a tentativa de controlo por parte dos pais. Por sua vez, a

rejeição apresenta uma relação significativa negativa com a percepção que os pais têm da qualidade de vida dos filhos, revelando que quanto maior for a rejeição, menor é a qualidade de vida que os pais percebem dos seus filhos;

c) Por fim, a tentativa de controlo tem uma relação significativa positiva com a qualidade de vida dos filhos (percebida pelos pais), constatando-se que quanto maior for a tentativa de controlo, maior será a percepção que os pais têm da qualidade de vida dos seus filhos.

Regressões

Tabela 8

Regressão linear da dimensão suporte emocional

	Coeficiente não padronizado		Coeficientes padronizados	t
	B	Erro Padrão	Beta	
(Constante)	2,910	0,156		18,600
Género pais	-0,275	0,031	-0,312***	-8,747
Idade pais	0,001	0,003	0,021 (n.s)	0,517
Estatuto Socioeconómico	-0,035	0,015	-0,079*	-2,235
Género filho	0,023	0,026	0,031 (n.s)	0,878
Idade filho	-0,018	0,005	-0,139***	-3,521
Kids-10	0,244	0,026	0,337***	9,558

Nota: ***p < 0,001; *p < 0,05

De acordo com os resultados obtidos (Tabela 8), o género dos pais (B=-0,312; P=0,001), a idade dos filhos (B=-0,139; P=0,001), a qualidade de vida dos filhos percebida pelos pais (B=0,337; P=0,001) e o estatuto socioeconómico (B=-0,079; P=0,05), ajudam a explicar o suporte emocional. No entanto, esta última apresenta uma significância menor que as outras. No seu conjunto, o poder explicativo deste modelo é de 22% da variância [$R^2=0,228$; $R^2_{Aj}=0,221$; Erro=0,333; F=31,299 (6,635), p<0.001].

Tabela 9*Regressão linear da dimensão rejeição*

	Coeficiente não padronizado		Coeficientes	<i>t</i>
	B	Erro Padrão	padronizados Beta	
(Constante)	2,085	0,123		16,996
Género pais	0,001	0,025	0,002 (n.s)	0,056
Idade pais	0,000	0,002	0,002 (n.s)	0,049
Estatuto Socioeconómico	0,004	0,012	0,014 (n.s)	0,350
Género filho	0,026	0,021	0,050 (n.s)	1,254
Idade filho	-0,001	0,004	-0,017 (n.s)	-0,378
Kids-10	-0,130	0,20	-0,262***	-6,568

Nota: *** $p < 0,001$

No que se refere à dimensão rejeição (Tabela 9), a qualidade de vida dos filhos, percecionada pelos pais ($B=-0,130$; $P=0,001$) explica a dimensão da rejeição, tendo este modelo um poder explicativo de 6% da variância [$R^2=0,070$; $R^2_{Aj}=0,060$; Erro=0,255; $F=7,475$ (6,598), $p<0,001$].

Tabela 10*Regressão linear da dimensão tentativa de controlo*

	Coeficiente não padronizado		Coeficientes	<i>t</i>
	B	Erro Padrão	padronizados Beta	
(Constante)	2,768	0,160		17,285
Género pais	-0,096	0,032	-0,115**	-2,962
Idade pais	-0,007	0,003	-0,108**	-2,497
Estatuto Socioeconómico	0,097	0,016	0,234***	6,080
Género filho	0,057	0,047	0,135	1,210
Idade filho	-0,024	0,014	-0,199	-1,739
Kids-10	0,051	0,026	0,075*	1,949

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Relativamente à dimensão de tentativa de controlo (Tabela 10), o estatuto socioeconómico ($B=-0,097$; $P=0,001$), bem como o género e idade dos pais ($B=-0,096$; $P=0,01$) e ($B=-0,007$; $P=0,01$), ajudam a explicar a tentativa de controlo, assim como a qualidade de vida dos filhos percebida pelos pais ($B=0,051$; $P=0,05$), no limite da significância. No seu conjunto, o poder explicativo deste modelo é de 9,6% da variância [$R^2=0,104$; $R^2_{Aj}=0,096$; Erro=0,341; $F=12,112$ (6,625), $p<0.001$].

Discussão

O presente estudo pretendeu analisar qual o impacto dos estilos parentais na qualidade de vida dos filhos, percebida pelos pais. Ao longo do estudo, foram abordadas várias questões como a família, os estilos parentais e a qualidade de vida das crianças e adolescentes.

De seguida, desenvolve-se a discussão dos resultados obtidos, analisando-se os objetivos formulados no início da investigação.

Em relação às diferentes dimensões dos estilos parentais (suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo) avaliadas pela EMBU-P, verificou-se que os pais mais novos (< 35 anos) apresentam uma melhor perceção dos seus comportamentos parentais em relação aos seus pares com mais idade (> 35 anos), estes resultados vão ao encontro do estudo de Canavarro e Pereira (2007a), que salienta que quanto maior é a idade dos progenitores, pior é a perceção dos mesmos respetivamente aos comportamentos que apresentam para com os seus filhos, particularmente na dimensão de rejeição e tentativa de controlo, onde os resultados obtidos, embora sejam significativos, apresentam valores inferiores.

Neste estudo, confirmou-se que as diferentes dimensões mostram que existe uma relação entre os estilos parentais e o género dos progenitores, assim, os resultados indicam que as mães apresentam um nível de suporte emocional superior ao dos pais. São vários os estudos que corroboram esta informação, nomeadamente, os estudos realizados por Russell et al. (1998) e Walker (1999), que salientam que os progenitores masculinos apresentam normalmente um contacto mais prático com os filhos, do que as mães, que apresentam, regularmente, um envolvimento mais afetivo e expressivo para com os seus filhos. Canavarro e Pereira (2007a), também referem que as mães apresentam níveis mais elevados na perceção das dimensões avaliadas pela EMBU-P, as mães apresentam um impacto significativo nas

questões de afetividade, comparativamente ao pai, manifestando práticas parentais mais permissivas (Winsler et al., 2005).

A nível do estatuto socioeconómico, salienta-se que existe relação entre os três níveis socioeconómicos (baixo, médio e elevado) e as três dimensões dos estilos parentais. O suporte emocional apresenta valores superiores no estatuto socioeconómico mais elevado, em oposição, à tentativa de controlo, que mostra um valor superior no estatuto socioeconómico baixo. Estes resultados são confirmados pelos estudos realizados por Cruz (2013), que defende que os pais de classe média/alta respondem às necessidades dos filhos de uma forma mais afetiva e assertiva, enquanto que os pais com um estatuto socioeconómico mais baixo, têm tendência a recorrer a técnicas de afirmação de poder, sendo mais autoritários e controladores em relação aos comportamentos dos filhos (Baumrind, 1967; Cardoso & Verríssimo, 2013).

Neste estudo foram analisadas as várias correlações entre as dimensões dos estilos parentais da EMBU-P e a qualidade de vida dos filhos, percecionada pelos pais, verificando-se uma correlação estatisticamente significativa entre as três dimensões e a qualidade de vida. Os estilos parentais são importantes para a construção dos padrões de comportamento dos pais, uma vez que proporcionam um clima mais estável para as crianças e jovens (Darling & Steinberg, 1993). A qualidade de vida é uma variável importante para compreender quais os fatores de risco que influenciam o comportamento dessas crianças e jovens (Gaspar & Matos, 2008).

Analisando as diferentes correlações entre as várias dimensões e a qualidade de vida, verifica-se que existe uma correlação positiva entre a qualidade de vida e duas das dimensões dos estilos parentais (suporte emocional e tentativa de controlo), isto significa que quanto maior for a perceção destas duas dimensões, maior será a perceção que os pais têm da

qualidade de vida dos seus filhos. A literatura refere que o estilo parental dos pais apresenta uma grande relação com o desenvolvimento e formação da personalidade do indivíduo (Azevedo & Maia, 2006; Winnicott, 2001), assim, um suporte emocional positivo vai fornecer à criança um sentimento de confiança e aceitação por parte dos seus progenitores (Canavarro & Pereira, 2007a), sendo este sentimento fundamental para uma melhor qualidade de vida. A tentativa de controlo, como está relacionada com a vontade dos pais de direcionar as ações e os comportamentos das crianças e dos jovens para aquilo que eles próprios pretendem para os seus filhos (Canavarro & Pereira, 2007a), leva a que os pais percecionem, uma maior qualidade de vida dentro desta dimensão, percecionando que as suas opções serão as melhores para os seus descendentes.

No que diz respeito à outra dimensão (rejeição), a correlação entre esta e a qualidade de vida dos filhos percecionada pelos pais, apresentam uma correlação negativa entre as duas variáveis, o que indica que quanto maior for o nível de rejeição por parte dos pais, menor será a perceção que estes têm da qualidade de vida dos seus filhos. Segundo a literatura, pais com valores mais elevados na dimensão de rejeição, representam comportamentos mais autoritários com os filhos, com o objetivo de provocar alterações nos comportamentos e vontades destes, levando a que as crianças e jovens percecionem um sentimento de rejeição (Canavarro & Pereira, 2007a), o que faz com que os pais percecionem uma qualidade de vida inferior, estando o comportamento parental, intimamente ligado, ao comportamento da criança (Azevedo & Maia, 2006).

Neste estudo, a dimensão de suporte emocional é a que apresenta uma média de resposta superior ($M=3,36$; $DP=0,38$), quando analisada a distribuição da EMBU-P, sendo a dimensão de rejeição a que apresenta um valor menor ($M=1,62$; $DP=0,26$).

Com base na revisão de literatura realizada, pode-se salientar que existe uma

consonância sobre qual o estilo parental com mais benefícios para as crianças e jovens, sendo que as crianças e jovens educados num ambiente mais afetivo e emocional (embora com limites/regras definidas pelos pais), desfrutam mais da relação familiar, do que crianças com pais mais autoritários e rígidos (Lamborn et al., 1991).

De forma a compreender-se a relação entre a perceção da qualidade de vida dos filhos e dos estilos parentais, analisou-se diferentes variáveis, com o objetivo de perceber quais as variáveis que influenciam as várias dimensões dos estilos parentais. No caso, da dimensão suporte emocional, o género dos pais e a idade dos filhos apresentam uma significância estatística tal como a qualidade de vida que os pais percecionam dos seus filhos. Segundo Moreno-Jiménez e Castro (2005), este facto pode ser explicado de acordo com as três dimensões, utilizadas para medir o nível de qualidade de vida de crianças e jovens, estando a primeira dimensão (funcionamento psicológico), em estreita interação com o estado afetivo. Relativamente ao género dos pais, como foi referido anteriormente, o processo de socialização do pai e da mãe com a criança é diferente, pois ambos apresentam vivências diferentes e ideias distintas (Cruz, 2013).

Quanto à idade dos filhos, Jokovic et al. (2004), referem nos seus estudos que o nível de concertação entre os pais e os filhos, relativamente à qualidade de vida destes, variam de acordo com as variáveis em estudo, principalmente quando analisado o nível de bem-estar social e emocional, em que os pais não apresentam uma perceção tão real. Em oposição, Chang e Yeh (2005), salientam que as respostas dos pais, em relação aos seus filhos (menores de 12 anos), são concordantes, no entanto, o mesmo não se verifica em relação aos filhos adolescentes. Na qualidade de vida dos filhos, os pais mostram uma perceção superior à dos filhos, principalmente em questões de saúde e violência, por outro lado, apresentam uma perceção inferior em assuntos socioeconómicos, sendo esta variável (ESE), significativa na

dimensão de suporte emocional (Gaspar et al., 2010a). De referir que esta dimensão vai ao encontro do estilo parental permissivo, em que os pais colocam na criança a responsabilidade de gerir o seu próprio comportamento, mas existe uma relação afetiva (Baumrind, 1966; 1971).

Apenas a qualidade de vida dos filhos, ajuda a entender a dimensão de rejeição, segundo a perceção dos pais. Sendo o estilo autoritário o mais próximo desta dimensão, é importante referir que os pais com este estilo parental tendem a ser mais punitivos e a exercer a sua influência, com recurso à violência, não manifestando gestos de afeto, provocando nas crianças e jovens uma sensação de rejeição, assim, pode-se concluir que pais com um estilo autoritário tendem a influenciar a qualidade de vida dos filhos (Baumrind, 1966).

Na dimensão de tentativa de controlo, as variáveis que melhor nos permitem caracterizar esta dimensão, são idênticas às da dimensão de suporte emocional, exceto a idade dos filhos, que neste caso não é significativa, e a idade dos pais, significativa nesta dimensão. Canavarro e Pereira (2007a), referem que, quanto maior for a idade dos progenitores, menos positiva é a perceção destes, em relação às suas atitudes para com os seus filhos, principalmente nesta dimensão (tentativa de controlo), salientando o facto de que pais com esta dimensão manifestam vontade de controlar os comportamentos dos seus filhos, para que estes vão ao encontro dos objetivos dos pais, manifestando níveis de exigência elevados na maturidade dos filhos. Importante destacar que esta dimensão se pode confundir com a supervisão parental, o que faz com que exista espaço para um clima afetivo (o que não se verifica na rejeição) (Baumrind, 1966; 1971).

Conclusão

Após a discussão dos resultados, e partindo da questão de investigação, salienta-se que a relação familiar é fundamental para um bom desenvolvimento pessoal e social ao longo do ciclo vital (Rutter, 1987), assim como os seus sistemas de interação, existindo uma influência direta entre os seus membros, assim como na qualidade de vida da criança (Pinto, 1997), importantes também para o conceito da parentalidade, relativamente a interação pais-filhos (Cruz, 2013). Bronfenbrenner (1999), refere também, que para um bom desenvolvimento humano deve-se ter em atenção a inter-relação entre a criança/jovem e os vários contextos (pessoa, processo, contexto e tempo), como defende o seu modelo bioecológico do desenvolvimento humano.

De destacar, que o sistema parental, não está focado apenas nas questões de socialização da criança ou jovem, centrando também a sua preocupação na educação, proteção e na afetividade (Alarcão, 2002; Dias, 2011), assim, atualmente, a parentalidade é constituída por um conjunto de comportamentos dos cuidadores, perante as crianças e jovens, com o intuito de promover um desenvolvimento adequado (Cruz, 2013).

Relembrando a questão de investigação deste estudo, é importante referir que de facto existe uma relação entre os estilos parentais e a qualidade de vida que os pais percecionam dos seus filhos, uma vez que a qualidade de vida está presente em todas as dimensões dos estilos parentais da escala EMBU-P de forma significativa. Isto pode indicar que a qualidade de vida está relacionada com os fatores de bem-estar dos filhos (físico, psicológico e social), assim como pelo estilo parental dos pais. Os fatores de bem-estar são diretamente influenciados pelos acontecimentos de vida negativos, revelando-se fatores de risco para o bem-estar das crianças e jovens. Um exemplo de um fator de risco pode ser a falta de comunicação entre pais-filhos, o que pode levar a perceções de qualidade de vida diferentes,

assim como a proximidade com os pais pode indicar a possibilidade de menos fatores de risco, não os excluindo na totalidade. De referir que neste estudo, a distribuição da dimensão do Kids-10 destaca que na perceção dos pais, os filhos têm uma qualidade de vida superior ($M=3,94$; $DP=0,53$).

Dentro dos estilos parentais estudados, o estilo autoritário, que engloba a dimensão de rejeição da escala EMBU-P, é aquele que manifesta mais preocupação, pois é o estilo parental que provoca menor qualidade de vida às crianças e jovens, tendo como possível consequência problemas físicos e psicológicos, uma vez que para promover uma sensação de bem-estar, é necessário a existência de relações positivas e de apoio afetivo (Oishi et al., 2007), o que não se verifica na dimensão de rejeição.

Em resumo, pode realçar-se que para uma melhor interação familiar e conseqüente qualidade de vida dos filhos, o estilo parental mais adequado é um estilo autoritativo, que embora esteja mais ligado à tentativa de controlo, pode também ser visto numa perspetiva de supervisão parental, porque é caracterizado pela existência de um clima mais afetivo e caloroso, no entanto existe a imposição de limites e normas, o que proporciona um bem-estar superior nos filhos, existindo uma preocupação em responder às diversas necessidades dos filhos (Baumrind, 1971), visto ser o mais utilizado para intervenções realizadas com pais.

Ao longo deste estudo foram surgindo algumas limitações, uma das limitações prende-se com o número reduzido de progenitores masculinos, não podendo considerar que exista um equilíbrio na amostra de pais, o que pode ser uma limitação no sentido de que esta não é considerada como uma amostra representativa da população em estudo, devido a esta ser constituída por um número maior de mães.

Relativamente aos estilos parentais e à perceção que os pais apresentam dos mesmos, e embora a escala EMBU-P esteja validada para a população portuguesa, não se pode excluir

a hipótese de existirem algumas dificuldades de compreensão e/ou interpretação da escala, principalmente nos itens da dimensão de tentativa de controlo, uma vez que esta pode-se confundir com uma possível quarta dimensão (supervisão parental), não considerada na escala original, mas que no caso da população portuguesa devia ser tida em consideração, tendo em conta aspetos culturais.

Em estudos futuros seria importante obter uma amostra mais ampla de pais, uma vez que neste estudo, a amostra de progenitores masculinos é bastante inferior, quando comparada com a amostra de mães. No entanto, é importante salientar que quando comparada a amostra deste estudo, com a de outros, foi alcançada uma amostra superior de progenitores masculinos.

Tendo em consideração a escala EMBU-P, utilizada para analisar a perceção dos pais sobre o seu estilo parental, recomenda-se a análise confirmatória da escala, de forma a conseguir reavaliar a força do modelo, encontrada no modelo original, pois em pelo menos umas das três dimensões da escala, a dimensão de tentativa de controlo parece confundir-se com uma dimensão não existente na escala original, a dimensão de supervisão parental. Ou seja, sugere-se futuramente, uma nova análise e interpretação das dimensões da escala para a população portuguesa.

Seria interessante utilizar também uma metodologia qualitativa, a par do estudo quantitativo, aprofundando os resultados obtidos, de forma a conseguir recolher junto dos pais quais os fatores que consideram ser de risco ou de apoio, relativamente ao bem-estar e à qualidade de vida dos seus filhos, assim como a influência dos mesmos no bem-estar da família, questão que ficou por explorar, uma vez que não existem dados relativos a essa questão.

Por outro lado, seria interessante desenvolver algum estudo com recurso a

metodologia longitudinal, de forma a ser possível analisar qual o impacto que os comportamentos e estilos parentais provocam no crescimento das crianças e jovens ao longo do seu crescimento, e qual a influência direta na qualidade de vida dos filhos, tendo em atenção a fase de desenvolvimento em que estes se encontram. Este tipo de estudo não é possível de se realizar num espaço de tempo tão curto, como o de realização de uma dissertação de mestrado, sendo apenas exequível, por exemplo, num projeto de doutoramento.

Referências bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios familiares (2ª ed)*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Almeida, L. & Freire, T. (2007). *Metodologia da investigação em psicologia e educação (4ª ed.)*. Braga: Psiquilibrios.
- American Academy of pediatrics (2005). Quality early education and child care from birth to kindergarten. *Pediatrics*, 115(1), 187-191. doi:10.1542/peds.2004-2213
- Azevedo, M. C. & Maia, A. C. (2006). *Maus-Tratos à criança*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Barroso, R., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52(1), 211-229. doi:10.14195/1647-8606_52-1_10
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child development*, 37(4), 887-907. doi:10.2307/1126611
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic psychology monographs*, 75, 43-88. doi:6032134
- Baumrind, D. (1971). Current patters of parental authority. *Developmental psychology*, 4(1), 1-103. doi:10.1037/h0030372
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of early adolescence*, 11(1), 56-95. doi:10.1177/02724316911111004
- Baumrind, D. & Black, A. E. (1967). Socialization practices associated with dimensions of competence in preschool boys and girls. *Child development*, 38, 291-327. doi:10.2307/1127295
- Baumrind, D., Larzelere, R. & Owens, E. (2010). Effects of preschool parent's power assertive paterns and practices on adolescent development. *Parenting: science and practice*, 10, 157-201. doi:10.1080/15295190903290790

- Beato, A., Pereira, A. I. & Barros, L. (2016). The relationship between diferente parenting typologies in fathers and mothets and children's anxiety. *Journal of child of family studies*, 25(5), 1691-1701. doi:10.1007/s10826-015-0337-x
- Block, J., Block, J. & Morrison, A. (1981). Parental agreement-disagreement on child-rearing orientations and gender-related personality correlates in children. *Child development*, 52, 965-974. doi:10.2307/1129101
- Bornstein, M. H. (2002). Parenting infants. In M. H. *Bornstein, handbook of Parenting*, Volume 1, Children and parenting. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bornstein, M. & Sawyer, J. (2006). Family systems. In K. McCartney & D. Phillips (Eds.), *The blackwell handbook of early childhood development, Part VI: The Social Ecology of Early Development*, (381-398). Oxford: Blackwell Publishing.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Towards an experimental ecology of human development. *American psychologist*, 32(7), 513-531. doi:10.1037/0003-066X.32.7.513.
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. In T. Husten & T. N. Postlethwaite (Eds.), *International encyclopedia of education* (pp. 1643-1647). New York: Elsevier Science.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: theoretical and operational models. In S. L. Friedman & T. D. Wachs (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp. 3-28). Washington Dc: American Psychological Association Press.
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007a). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspetiva dos pais: A versão portuguesa do EMBU-P. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, 2, 271-286.
- Canavarro, M. C. & Pereira, A. I. (2007b). A perceção dos filhos sobre os estilos educativos

- parentais: A versão portuguesa da EMBU-C. *Revista Ibero-Americana de diagnóstico e avaliação psicológica*, 24, 193-210.
- Cardoso, J. & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relação de vinculação. *Análise psicológica*, 4(21), 393-406. doi:10.14417/ap.807
- Carmo, H & Ferreira, M. M. (2005). Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castro, L., Pablo, J., Gómez, J., Arrindell, W. A. & Toro, J. (1997). Assessing rearing behaviour from the perspective of the parents: A new form of the EMBU. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 32, 230-235. doi:10.1007/BF00788243.
- Cervo, A. L., Silva, R. & Bervian, P. A. (2007). *Metodologia científica (6ª ed.)*. São Paulo: Pearson Education.
- Chang, P. & Yeh, C. (2005). *Agreement between child self-report and parent proxy-report to evaluate quality of life in children with cancer*. *Psycho-oncology*, 14, 125-134. doi:10.1002/pon.828
- Coleman, P. K. & Karraker, K. H. (1997). Self-efficacy and parenting quality: findings and future applications. *Developmental review*, 18, 47-85. doi:10.1006/drev.1997.0448
- Cruz, O. (2013). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological bulletin*, 113(3), 487-496. doi:10.1037/0033-2909.113.3.487
- Dessen, M. A., & Polonia, A. D. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32. doi:10.1590/S0103-863X2007000100003
- Dias, M. O. (2000). A família numa sociedade em mudança problemas e influências. *Gestão e desenvolvimento*, 9, 81-102.

- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistémica – O processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Dore, M. M. & Lee, J. M. (1999). The role of parente training with abusive and neglectfull parents. *National council on family relations*, 48(3), 313-325.
- Eiser, C. & Morse, R. (2001). Can parents rate their child's health-related quality of life? Results of a systematic review. *Quality of life research*, 10, 347-357.
- Erhart, M., Ottova, V., Gaspar, T., Jericek, H., Schnohr, C., Alikasifoglu, M., . . . & HBSC Positive Health Focus Group. (2009). Measuring mental health and well-being of school-children in 15 European countries using the Kidscreen-10 Index. *Int J public health*, 54, 160-166. doi:10.1007/s00038-009-5407-7.
- Gaspar, T., & Matos, M. G. (Coord.). (2008). Qualidade de vida em crianças e adolescentes: Versão portuguesa dos instrumentos KIDSCREEN 52. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana/FCT.
- Gaspar, T., Matos, M. G., Batista-Foguet, J., Ribeiro, J. L. P. & Leal, I. (2010a). Parent-child perceptions of quality of life: implications for health intervention. *Journal of family studies*, 16(2), 143-154.
- Gaspar, T., Matos, M. G., Pais-Ribeiro, J. L. & Leal, I. (2009a). Qualidade de vida - Instrumentos Kidscreen-52 para pais e crianças e adolescentes. *Revistas peruana de psicometria*, 1(2).
- Gaspar, T., Matos, M. G., Pais-Ribeiro, J. L., Leal, I., Erhart, M. & Ravens-Sieberer, U. (2010b). KIDSCREENS: Quality of live in children and adolescents. *Revista de psicologia da criança e do adolescente*, 1(1), 49-64.

- Gaspar, T., Matos, M. G., Pais, R., José, L., Leal, I. & Ferreira, A. (2009b). Health-related quality of life in children and adolescents and associated factors. *Journal of cognitive and behavioral psychotherapies*, 9(1), 33-48.
- Gaspar, T., Matos, M. G., Ribeiro, J. & Goncalves, A. (2005). Saúde, qualidade de vida e desenvolvimento. In M. G. Matos (Eds.). *Comunicação, gestão de conflitos e saúde na escola*. (pp. 95-107). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Gaspar, T., Matos, M., Ribeiro, J. & Leal, I. (2006). Qualidade de vida e bem-estar em crianças e adolescentes. *Revista brasileira de terapias cognitivas*, 2(2), 47-60.
- Giddens, A. (2000). *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Presença.
- Goes, A. R. & Barros, L. (2015). Aconselhamento parental como estratégia de promoção de saúde infantil: das oportunidades de intervenção aos resultados. In A. I. Pereira. *Promoção da parentalidade positiva* (pp.49-108). Lisboa, Coisas de Ler.
- Gonçalves, H. A. (2014). *Manual de metodologia da pesquisa científica (2ª ed.)*. São Paulo: Avercamp.
- Grzybowski, L. & Wagner, A. (2010). O envolvimento parental após a separação/divórcio. *Psicologia: reflexão e crítica*, 23(2), 289-298. doi:10.1590/S0102-79722010000200011
- Harding, L. (2001). Children's quality of life assessments: a review of genetic and health related quality of life measures completed by children and adolescents. *Clinical psychology and psychotherapy*, 8, 79-96.
- Hein, C. & Lewko, J. H. (1994). Gender differences in factors related to parenting style: a study for high performing science students. *Journal of adolescence research*, 9(2), 262-281. doi:10.1177/074355489492008

- Helseth, S. & Lund, T. (2005). Assessing health-related quality of life in adolescents: some psychometric properties of the first Norwegian version of KINDL. *Scandinavian journal caring science*, 19, 102-109.
- Hoff, E., Laursen, B. & Tardif, T. (2002). Socioeconomic status and parenting. In Bornstein, M. H. (Ed.). *Handbook of Parenting – Vol. 2: Biology and ecology of parenting*. (2nd Ed.) (pp. 231-252). London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Hoghugh, M. (2004) Parenting: an introduction. In M. Hoghugh & N. Long (Eds), *Handbook of parenting: theory and research for practice* (pp. 1-18). London: Sage.
- Hoghugh, M. S. & Long, N. (2004). Preface. In M.S. Hoghugh & N. Long, *Handbook of parenting: theory and research for practice* (pp. 19-20). London: Sage.
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In L. Solis-Ponton, & M. C. P. Silva, *Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio* (pp. 47-52). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jalongo, M. R. (2002). Parent education. In *World book encyclopedia*.
www.elibrary.com/education
- Jokovic, A.; Locker, D. & Guyatt, G. (2004). How well do parents know their children? Implication for proxy reporting of child health-related quality of life. *Quality of life research*, 13, 1297-1307.
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: interdependence in developmental pathways. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 16(1), 11-22. doi:10.1590/S0102-37722000000100003
- Lamborn, S., Mounts, N., Steinberg, L. & Dornbusch, S. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. *Child development*, 62, 1049-1065. doi:10.1111/j.1467-8624.1991.tb01588.x

- Lindsey, E.W. & Mize, J. (2001). Interparental agreement, parent–child responsiveness, and children’s peer competence. *Family relations: Journal of applied family & child studies*, 50, 348–354.
- Lopes, M. S. O. C. & Dixe, M. A. C. R. (2012). Exercício da parentalidade positiva pelos pais de crianças até três anos: construção e validação de escalas de medida. *Revista latino-americana de enfermagem*, 20(4).
- Matos, M. G., Gaspar, T. & Simões, C. (2012). Health-related quality of life in portuguese children and adolescents. *Psicologia: reflexão e crítica*, 25(2), 230-237.
- Matos, M. G., Gaspar, T., Ferreira, M., Linhares, F., Simões, C., Diniz, J., . . . & Equipa do Aventura Social (2006). *Qualidade de vida em crianças e adolescentes: Projecto Europeu KIDSCREEN, Relatório do estudo português*. Website: www.fmh.utl.pt/aventurasocial, www.aventurasocial.com
- Mesquita, M. (2013). *Parentalidade: um contexto de mudanças*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Moreno–Jiménez, B., & Castro, E (2005). Calidad de vida relacionada con la salud infantil y el transplante de órganos: Una revisión de literatura. *Revista colombiana de psicología*, 14, 46-52.
- Oishi, S., Diener, E. & Lucas, R. E. (2007). The optimum level of well-being: can people be too happy?. *Perspectives on psychological science*, 2(4), 346-360. doi: 10.1111/j.1745-6916.2007.00048.x
- Oliveira, D., Siqueira, A. C., Dell'Aglio, D. D., & Lopes, R. C. S. (2008). Impacto das configurações familiares no desenvolvimento de crianças e adolescentes: uma revisão da produção científica. *Interação em psicologia*, 12(1),87-98.
- Pacheco, J., Silveira, L. & Schneider, A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais:

- análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *PSICO*, 39(1), 66-73.
- Pereira, A., Canavarro, C., Cardoso, M. & Mendonça, D. (2009). Patterns of parental rearing style and child behaviour problems among portuguese school-aged children. *Journal of Child and Family Studies*, 18(4), 454-464. doi: 10.1007/s10826-008-9249-3.
- Pereira, A. & Patrício, T. (2013). SPSS: guia prático de utilização. Análises de dados para ciências sociais e psicologia. Lisboa: Sílabo.
- Pereira, A. I., Barros, L. e Beato, A. (2013). Escala de avaliação da ansiedade e superprotecção parentais: estudo psicométrico numa amostra de pais e mães de crianças em idade escolar. *Revista iberoamericana de diagnóstico y evaluación psicológica*, 35(1), 35-55.
- Pereira, E. F., Teixeira, C. S. & Santos, A. (2012). Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. *Revista brasileira de educação física e esporte*, 26(2), 241-250.
- Pinderhughes, E. E., Bates, J. E., Dodge, K. A., Pettit, G. S. & Zelli, A. (2000). Discipline responses: influences of parents socioeconomic status, ethnicity, beliefs about parenting stress and cognitive emotional processes. *Journal of family psychology*, 14(3), 380-400. doi: 10.1037/0893-3200.14.3.380
- Pinto, M. (1997). *A infância como construção social*. Braga: Universidade do Minho.
- Polleto, M. & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, 25(3), 405-416. doi: 10.1590/S0103-166X2008000300009
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Relações, Desenvolvimento & Saúde. (2016). Instrumentos de Avaliação – EMBU-P –

- EMBU Pais. *Relações, Desenvolvimento & Saúde Website*. Universidade de Coimbra.
Acedido em Novembro 15, 2016, em <http://www.fpce.uc.pt/saude/embup.htm>.
- Respler-Herman, M., Mowder, B. A., Yasik, A. E. & Shamah, R. (2012). Parenting beliefs, parental stress and social support relationships. *J child fam Stud*, 21, 190-198.
- Russell. A., Aloa. V., Feder., T., Glover, A., Miller, H. & Palmer, G. (1998). Sex-based differences in parenting styles in a sample with preschool children. *Australian journal of psychology*, 50, 89-99. doi: 10.1080/00049539808257539
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American journal of orthopsychiatry*, 57(3), 316-331. doi: 10.1111/j.1939-0025.1987.tb03541.x
- Sanders, M. R. & Morawska, A. (2005). Can changing parental knowledge, dysfunctional expectations and attributions, and emotions regulation improve outcomes for children?. *Encyclopedia on early childhood development*, 3, 1-12.
- Saraceno, C. & Naldini, M. (2003). *Sociologia da família*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Soares, A. H., Martins, A, Lopes, M. B., Brito, J. A., Oliveira, C. Q. & Moreira, M. C. (2011). Qualidade de vida de crianças e adolescentes: uma revisão bibliográfica. *Ciências e saúde colectiva*, 16(7), 3197-3206.
- Sroufe, L. A. (2000). Early relationships and the development of children. *Infant mental health journal*, 21(1-2), 67-74. doi:10.1002/(SICI)1097-0355(200001/04)21:1/2<67::AID-IMHJ8>3.0.CO;2-2
- Steinberg, L., Lamborn, S., Darling, S., Mounts N. & Dornbusch, S. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child development*, 65(3), 754-770. doi:10.2307/1131416

- The KIDSCREEN Group Europe (2004). Health-related quality of life questionnaire for children and young people. Acedido em Novembro 22, 2016, em <http://www.kidscreen.org/english/questionnaires/kidscreen-10-index/>
- Tudge, J. (2007). *A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista*. Acedido em Fevereiro 16, 2017, em <https://www.uncg.edu/hdf/facultystaff/Tudge/Tudge,2008.pdf>.
- Tudge, J. R. H., Mokrova, I., Hatfield, B. E. & Karnik R. B. (2009). Uses and misuses of Bronfenbrenner's bioecological theory of human development. *Journal of family theory & review*, 1(4), 198-210. doi:10.1111/j.1756-2589.2009.00026.x
- Walker, A. (1999). Gender and family relationships. In M. B. Sussman, S. K. Steinmetz & G. W. Peterson (2ª ed). *Handbook of marriage and the family*. New York: Plenum Press.
- Wallander, J. L. (2001). Theoretical and developmental issues in quality of life for children and adolescents. In H. M. Koot, & J. L. Wallander (Eds.). *Quality of life in child and adolescent illness: Concepts, methods and findings* (pp. 23- 45). New York: Brunner-Routledge.
- Warming, H. (2003). The quality of life from a child's perspective. *International journal of public administration*, 26(7) 815-829.
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P. & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: reflexão e crítica*, 17(3), 323-331.
- Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1971)
- Winnicott, D. (2001). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.

Winsler, A., Madigan, A. L. & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early childhood research quarterly*, 20(1), 1-12. doi:10.1016/j.ecresq.2005.01.007

World Health Organization. (1994). *Quality of life assessment: an annotated bibliography*. Geneva: World Health Organization.

World Health Organization. (2012). *World health organization quality of life user manual*. Geneva: World Health Organization.

Anexo A

Protocolo utilizado no estudo geral dos fatores parentais

PEDIMOS A SUA COLABORAÇÃO NESTA INVESTIGAÇÃO QUE ESTÁ A SER REALIZADA EM PORTUGAL.

Pretendemos caracterizar e compreender os fatores parentais, tais como competências parentais, dinâmica familiar, resiliência e suporte social e como estes influenciam o bem-estar dos filhos dos 6 aos 16 anos de idade.

Os dados recolhidos destinam-se a procedimentos meramente estatísticos, tendo em vista o alargamento dos conhecimentos nesta área, bem como, ponderar formas de intervenção adequadas às necessidades. Os dados serão recolhidos através do instrumento seguinte e tem um tempo aproximado de resposta de 30 minutos.

A sua colaboração é fundamental. Sinta-se livre de aceitar ou recusar participar no estudo. Asseguramos que todos os dados por si fornecidos são confidenciais.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas lhe pedimos que responda a todas as questões apresentadas com a máxima sinceridade possível. Sempre que lhe surgirem dúvidas, poderá esclarecê-las junto da pessoa que está na sala a aplicar os questionários. Muito obrigada pela sua colaboração.

1. Idade _____

2. Estado Civil

Solteiro(a)
 União de Facto
 Casado(a)
 Separado(a)
 Divorciado(a)
 Viúvo(a)

3. Género Feminino
 Masculino

4. Quantos filhos tem? _____

4.1. Idade(s) de cada filho(a)

5. Nível de escolaridade

Não sabe ler nem escrever	<input type="checkbox"/>		
Não completou o Ensino Básico	<input type="checkbox"/>		
Ensino Básico 1º Ciclo	<input type="checkbox"/>	2º Ciclo <input type="checkbox"/>	3º Ciclo <input type="checkbox"/>
Ensino Secundário 10º Ano	<input type="checkbox"/>	11º Ano <input type="checkbox"/>	12º Ano <input type="checkbox"/>
Licenciatura	<input type="checkbox"/>		
Mestrado	<input type="checkbox"/>		
Doutoramento	<input type="checkbox"/>		

6. Área de residência

Aldeia
 Vila
 Cidade

7. Pessoa com quem coabita

Sozinho(a)	
Cônjuge	
Cônjuge e Filhos	
Filhos	
Outros parentes	

8. Situação profissional

Empregado(a) por conta própria	
Empregado(a) por contra de outrem	
Desempregado(a)	
Reformado(a)	
Outra _____	

9. Profissão

Dados do Agregado Familiar e do (s) Filho (s) com idades entre os 6 e os 16 anos (se tiver mais do três filhos com estas idades responda em relação aos 3 mais velhos):

10. Escolaridade

	Filho1	Filho2	Filho3
1º Ciclo			
2º Ciclo			
3º Ciclo			
Secundário			

11. Frequenta o ensino:

	Filho1	Filho2	Filho3
Público			
Privado			
IPSS			

12. O seu educando frequenta atividades extracurriculares?

	Filho1	Filho2	Filho3
Sim			
Não			

12.1. Quantas atividades extracurriculares tem?

	Filho1	Filho2	Filho3
1			
2 a 3			
Mais de 4			

12.2. Quais ? _____

12.3. Com que frequência?

	Filho1	Filho2	Filho3
0-1 p/semana			
2-3 p/semana			
4-6 p/semana			
Mais de 7 vezes p/ semana			

13. Pratica(m) modalidades desportivas regularmente?

	Filho1	Filho2	Filho3
Não			
Sim			

13.1. Número de vezes por semana

	Filho1	Filho2	Filho3
2 vezes			
1 vezes			
+ 3 vezes			

13.2. Desportista(s) federado?

	Filho1	Filho2	Filho3
Não			
Sim			

14. O(s) seu(s) educando(s) frequenta(m) um Centro de Estudos ou ATL?

	Filho1	Filho2	Filho3
Não			
Sim			

Qual a razão? _____

15. Com que antecedência chega(m) o seu(s) filho(s) à escola antes da 1ª aula do dia ?

	Filho1	Filho2	Filho3
15min ou hora certa			
30min			
1h			

16. A que horas chega(m) geralmente a casa?

	Filho1	Filho2	Filho3
Antes das 17h30			
Entre as 17h30 e às 19h30			
Depois das 19h30			

17. A que horas costuma deitar o seu(s) educando(s)?

	Filho1	Filho2	Filho3
Antes das 20h30			
Entre as 20h30 e às 21h30			
Depois das 22h			

Quem costuma deitar os educandos? _____

18. Como costuma(m) ocupar as suas noites?

	Filho1	Filho2	Filho3
Ler			
Ver televisão			
Sair			
Outras			

Quais? _____

22. O(s) seu(s) filho(s) vive(m) consigo?

	Filho1	Filho2	Filho3
Não			
Sim			

Em caso negativo, há quantos anos é que não vive(m) com o(s) seu(s) filho(s)?

B - Mesmo que seja difícil explicar com exatidão como se relaciona ou se relacionou com os seus filhos, certamente tem uma ideia, mais ou menos precisa, de como o(s) tem educado e porque tem procedido dessa forma.

Para responder a este questionário é muito importante que tente recordar as atitudes e comportamento que tem tido em relação ao(s) seu(s) filho(s). Como verá, cada pergunta pode ser respondida de diferentes maneiras. Deve escolher a resposta que melhor reflita o comportamento que tem ou teve para com o(s) seu(s) filho(s). **Depois de ter escolhido a resposta mais apropriada ao seu caso, deverá preenche-la com uma cruz.**

Como verá, algumas perguntas não podem ser respondidas se tem só um filho; nesse caso, deixe a resposta em branco.

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b1. Demonstração ao(s) seu(s) filho(s), com palavras e gestos, que gosta deles(s)?				
b2. Castiga o(s) seu(s) filho(s) mesmo no caso de pequenas faltas?				
b3. Tenta influenciar o(s) seu(s) filho(s) para que ele(s) venha(m) a ser pessoa(s) bem colocada(s) na vida?				
b4. Deseja que o(s) seu(s) filho(s) seja(m) diferente em algum aspecto?				
b5. Acha que é demasiado severo(a) com o(s) seu(s) filho(s)?				
b6. Decide como o seu(s) filho(s) deve(m) vestir-se/aspecto deve(m) ter?				
b7. Proíbe o(s) seu(s) filho(s) de fazer coisas que outras crianças da idade dele(s) fazem por medo que lhe(s) aconteça algo de mal?				
b8. Bate ou repreende o(s) seu(s) filho(s) em frente de outras pessoas?				
b9. Preocupa-se em saber o que faz o(s) seu(s) filho(s) na sua ausência?				
b10. Quando as coisas correm mal ao(s) seu(s) filho(s), tenta compreendê-lo(s) e anima-lo(s)?				

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b11. Impõe ao(s) seu(s) filho(s) mais castigos corporais do que ele(s) merece(m)?				
b12. Aborrece-se com o(s) seu(s) filho(s) porque ele(s) não o (a) ajuda(m) nas tarefas de casa como gostaria?				
b13. Quando acha que o(s) seu(s) filho(s) faz(em) algo mal, mostra-se de tal forma triste que o faz sentir-se culpado?				
b14. Conta a outras pessoas o que o(s) seu(s) filho(s) faz(em) ou diz(em), envergonhando-o(s) com isso?				
b15. Mostra interesse em que o(s) seu(s) filho(s) tire(m) boas notas?				
b16. Ajuda o(s) seu(s) filho(s) quando ele(s) enfrenta(m) uma tarefa difícil?				
b17. Diz ao(s) seu(s) filho(s) frases como estas: " Com a tua idade não deverias comportar-te desta forma"?				
b18. Fica triste por culpa do(s) seu(s) filho(s)?				
b19. Tenta estimular o(s) seu(s) filho(s) para que ele seja o melhor?				
b20. Demonstra ao(s) seu(s) filho(s) que está satisfeito com ele(s)?				
b21. Confia no(s) seu(s) filho(s) de tal forma que o(s) deixa atuar sob a sua própria responsabilidade?				
b22. Respeita as opiniões do(s) seu(s) filho(s)?				
b23. Se o(s) seu(s) filho(s) tem pequenos segredos, pede insistentemente que lhos conte?				
b24. Quer estar ao lado do(s) seu(s) filho(s)?				

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b25. Acha que é "forreta" e "duro(a)" para com o(s) seu(s) filho(s)?				
b26. Quando regressa a casa, o(s) seu(s) filho(s) tem que dar-lhe explicações sobre o que fez(em)?				
b27. Tenta que a infância do(s) seu(s) filho(s) seja estimulante e atrativa? (por exemplo: dando-lhe(s) bons livros, encorajando-o(s) a em passeios e excursões, etc.)				
b28. Elogia o comportamento do(s) seu(s) filho(s)?				
b29. Diz ao(s) seu(s) filho(s) frases como estas: "É assim que nos agradeces todo o esforço que temos feito por ti e todos os sacrifícios que temos feito para o teu bem"?				
b30. Quando o(s) seu(s) filho(s) está triste, pode procurar a sua ajuda e compreensão?				
b31. Diz ao(s) seu(s) filho(s) que não está de acordo com a forma como ele(s) se comporta(m) em casa?				
b32. Interessa-se pelo tipo de amigos mais próximos do(s) seu(s) filho(s)?				
b33. É brusco e pouco amável com o(s) seu(s) filho(s)?				
b34. Castiga o(s) seu(s) filho(s) com dureza, inclusive por coisas que não têm importância?				
b35. Acha que o(s) seu(s) filho(s) deseja(m) que se preocupe menos com as atividades dele(s)?				
b36. Participa ativamente nos passatempos e diversões do(s) seu(s) filho(s)?				
b37. Bate ao(s) seu(s) filho(s)?				

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b38. Coloca limitações estritas ao que o(s) seu(s) filho(s) pode(m) ou não fazer, obrigando-o(s) a respeitá-las rigorosamente?				
b39. Tem um medo exagerado que aconteça alguma coisa ao(s) seu(s) filho(s)?				
b40. Acha que há carinho e ternura entre si e o(s) seu(s) filho(s)?				
b41. Fica orgulhoso(a) do(s) seu(s) filho(s) quando ele(s) consegue(m) atingir o(s) objetivo(s) a que se propõe(m)?				
b42. Manifesta ao(s) seu(s) filho(s) que está satisfeito com ele(s) através de expressões físicas carinhosas como dar-lhe(s) palmadas nas costas, abraçá-lo(s), etc.?				

C - As questões que se seguem são relativas à sua saúde em geral. Assinale 1 resposta em cada linha.

	Melhor que o habitual	Como habitual	Pior do que o habitual	Muito pior do que o habitual
c1. Tem-se sentido perfeitamente bem de saúde?				
	Não, em absoluto	Não mais do que o habitual	Mais do que o habitual	Muito mais do que o habitual
c2. Têm sentido a necessidade de um tônico?				
c3. Tem-se sentido em baixo de forma e maldisposto?				
c4. Tem-se sentido doente?				
c5. Tem tido dores de cabeça?				
c6. Tem tido uma sensação de aperto ou pressão na cabeça?				
c7. Tem tido ataques de frio ou calor?				
c8. Tem perdido o sono devido a preocupações?				
c9. Depois de adormecer acorda várias vezes?				

	Não, em absoluto	Não mais do que o habitual	Mais do que o habitual	Muito mais do que o habitual
c10. Tem-se sentido constantemente sobre tensão?				
c11. Tem-se sentido irritável de mau humor?				
c12. Tem-se sentido assustado ou têm entrado em pânico sem razão?				
c13. Tem tido a sensação de que está tudo a cair em cima de si?				
c14. Tem-se sentido permanentemente nervoso e tenso?				
c15. Tem conseguido manter-se ativo e ocupado?				
c16. Tem levado mais tempo a fazer as tarefas normais?				
c17. Acha que, de um modo geral, tem trabalhado bem?				
c18. Sente-se satisfeito com a maneira como tem cumprido as suas tarefas?				
c19. Tem-se sentido útil no que faz?				
c20. Tem-se sentido capaz de tomar decisões?				
c21. Tem tido prazer nas suas atividades normais do dia-a-dia?				
c22. Tem-se considerado uma pessoa sem valor nenhum?				
c23. Tem sentido que já não há nada a esperar da vida?				
c24. Tem sentido que a vida já não vale a pena?				
c25. Já pensou na hipótese de um dia vir a acabar consigo?				
c26. Acha que as vezes não consegue fazer nada por causa dos nervos?				
c27. Tem dado consigo a pensar estar morto e longe de tudo?				
c28. Acha que a ideia de acabar com a sua vida está sempre a vir-lhe à cabeça?				

D - Assinale 1 resposta para cada linha

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
d1. Quando faço planos, levo-os até ao fim.					
d2. Eu normalmente acabo por conseguir alcançar os meus objectivos.					
d3. Sou capaz de depender de mim próprio mais do que de qualquer outra pessoa.					
d4. Manter-me interessado nas atividades do dia-a-dia é importante para mim.					
d5. Posso estar por conta própria se for preciso.					
d6. Sinto-me orgulhoso por ter alcançado objectivos na minha vida.					
d7. Normalmente faço as coisas conforme elas vão surgindo.					
d8. Sou amigo de mim próprio.					
d9. Sinto que consigo lidar com várias coisas ao mesmo tempo.					
d10. Sou determinado.					
d11. Raramente me questiono se a vida tem sentido.					
d12. Vivo um dia de cada vez.					
d13. Posso passar por tempos difíceis porque enfrentei tempos difíceis antes.					
d14. Tenho autodisciplina.					
d15. Mantenho-me interessado nas coisas.					
d16. Geralmente consigo encontrar algo que me faça rir.					
d17. A confiança em mim próprio ajuda-me a lidar com tempos difíceis.					
d18. Numa emergência, sou alguém com quem as pessoas podem contar.					
d19. Normalmente consigo olhar para uma situação de várias perspectivas.					

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
d20. Às vezes obrigo-me a fazer coisas quer queira quer não.					
d21. A minha vida tem sentido.					
d22. Eu não fico obcecado com coisas que não posso resolver.					
d23. Quando estou numa situação difícil, normalmente consigo encontrar uma solução.					
d24. Tenho energia suficiente para fazer o que deve ser feito.					
d25. Não tenho problema com o facto de haver pessoas que não gostam de mim.					

E - Estão listadas em baixo 26 afirmações sobre a família. Leia cada afirmação e indique até que ponto é verdadeira para a sua família.

Em que medida é cada uma das seguintes afirmações como a sua família:	Nada como a minha família	Um pouco como a minha família	Às vezes como a minha família	Geralmente como a minha família	Quase sempre como a minha família
e1. Vale a pena fazer sacrifícios pessoais se beneficiar a nossa família.					
e2. Geralmente concordamos sobre como os membros da família se devem comportar.					
e3. Acredita que algo de bom resulta das piores situações.					
e4. Orgulhamo-nos mesmo do mais pequeno êxito dos membros da família.					
e5. Somos capazes de partilhar as nossas preocupações e sentimentos de maneira produtiva.					
e6. Não importa o quanto difícil as coisas fiquem, a nossa família mantém-se unida.					
e7. Geralmente pedimos ajuda a pessoas fora da família quando não conseguimos resolvê-las nós mesmos.					

Em que medida é cada uma das seguintes afirmações como a sua família:	Nada como a minha família	Um pouco como a minha família	Às vezes como a minha família	Geralmente como a minha família	Quase sempre como a minha família
e8. Concordamos sobre as coisas que são importantes para a nossa família.					
e9. Na nossa família estamos sempre dispostos a contribuir e ajudar-nos uns aos outros.					
e10. Se algo fora do nosso controlo perturba a nossa família constantemente, encontramos coisas para fazer que nos abstraiam das preocupações.					
e11. Não importa o que acontece na nossa família, tentamos ver o lado positivo.					
e12. Mesmo com horários complicados, encontramos tempo para estar juntos.					
e13. Na nossa família todos entendem as regras sobre formas aceitáveis de agir.					
e14. Amigos e parentes estão sempre dispostos a ajudar, sempre que temos um problema ou crise.					
e15. Quando temos um problema ou preocupação, somos capazes de tomar decisões sobre o que fazer.					
e16. Apreciamos o tempo que passamos juntos, mesmo que seja apenas a fazer tarefas domésticas.					
e17. Se temos um problema ou preocupação que parece exacerbante, tentamos esquecê-lo durante algum tempo.					
e18. Sempre que existem desentendimentos, os membros da família ouvem os diferentes lados da história.					
e19. Na nossa família, arranjam tempo para fazer coisas que todos concordamos serem importantes.					

Em que medida é cada uma das seguintes afirmações como a sua família:	Nada como a minha família	Um pouco como a minha família	Às vezes como a minha família	Geralmente como a minha família	Quase sempre como a minha família
e20. Na nossa família podemos depender do apoio uns dos outros sempre que algo corre mal.					
e21. Geralmente falamos sobre as diferentes formas com que lidamos com os problemas ou preocupações.					
e22. Na nossa família, as nossas relações sobrepõem-se às nossas posses materiais.					
e23. Decisões sobre mudanças ou toca de emprego têm por base o que é melhor para todos os membros da família.					
e24. Dependemos uns dos outros para nos ajudarmos quando surge algo inesperado.					
e25. Na nossa família, tentamos não tomar uns aos outros como garantidos.					
e26. Tentamos resolver os nossos problemas primeiro antes de pedir ajuda a outras pessoas.					

Escreva por favor todas as coisas que considera ser os principais pontos fortes da sua família. Não descure as pequenas coisas que ocorrem no dia-a-dia e que, frequentemente tomamos como garantido (ex: partilhar a responsabilidade de alimentar a(s) sua(s) criança(s) e leva-la(s) à escola.

F - Pense nas suas relações com os outros (Assinale 1 resposta para cada linha).

	Concordo totalmente	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo bastante	Discordo totalmente
f1. Os amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostava					

	Concordo totalmente	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo bastante	Discordo totalmente
f2. Estou satisfeito(a) com a quantidade de amigos que tenho					
f3. Estou satisfeito(a) com a quantidade de tempo que passo com os meus amigos					
f4. Estou satisfeito(a) com as atividades e coisas que faço com o meu grupo de amigos					
f5. Estou satisfeito com o tipo de amigos que tenho					
f6. Por vezes sinto-me só no mundo e sem apoio					
f7. Quando preciso de desabafar com alguém encontro facilmente amigos com quem o fazer					
f8. Mesmo em situações mais embaraçosas, se precisar de apoio de emergência tenho várias pessoas a quem posso recorrer					
f9. Às vezes sinto falta de alguém verdadeiramente íntima que me compreenda e com quem possa desabafar sobre coisas íntimas					
f10. Estou satisfeito com a forma como me relaciono com a família					
f11. Estou satisfeito com a quantidade de tempo que passo com a minha família					
f12. Estou satisfeito com o que faço em conjunto com a minha família					
f13. Não saio com amigos tantas vezes quantas eu gostaria					
f14. Sinto falta de atividades sociais que me satisfaçam					
f15. Gostava de participar mais em atividades de organizações (clubes desportivos/recreativos, partidos políticos)					

G – As seguintes questões são em relação ao(s) seu(s) filho(s), como é o/a seu/sua filho(a)? Como é que ele/ela se sente? É isso que queremos saber através de si. Por favor responda às seguintes questões com todo o seu conhecimento, assegurando que as suas respostas refletem a perspetiva do/da seu/sua filho(a). Por favor tente recordar as experiências do/da seu/sua filho(a) na última semana.

1. Quem está a preencher o questionário ?

Mãe

Pai

Madrasta/Companheira do Pai

Padrasto/Companheiro da Mãe

Outro, quem ? _____

FILHO 1

2. Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)? _____

3. Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz ?

Rapariga Rapaz

4. O seu filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-adia?

Sim Não

Se sim Qual? _____

Pense na última semana...	Nada	Pouco	Moderada-mente	Muito	Totalmente
g1. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se bem e em forma?					
g2. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se cheio(a) de energia?					
g3. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se triste?					
g4. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se sozinho(a)?					
g5. O/A seu/sua filho(a) teve tempo suficiente para si próprio(a)?					
g6. O/A seu/sua filho(a) tem sido capaz de fazer atividades que quer fazer no tempo livre?					
g7. O/A seu/sua filho(a) sentiu que os pais o/a trataram com justiça?					
g8. O/A seu/sua filho(a) divertiu-se com outros rapazes e raparigas?					
g9. O/A seu/sua filho(a) foi bom/boa aluno(a) na escola?					
g10. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se capaz de prestar atenção?					

FILHO 2

2. Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)? _____

3. Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz ?

Rapariga Rapaz

4. O seu filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-adia?

Sim Não

Se sim Qual? _____

Pense na última semana...	Nada	Pouco	Moderadamente	Muito	Totalmente
g1. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se bem e em forma?					
g2. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se cheio(a) de energia?					
g3. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se triste?					
g4. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se sozinho(a)?					
g5. O/A seu/sua filho(a) teve tempo suficiente para si próprio(a)?					
g6. O/A seu/sua filho(a) tem sido capaz de fazer atividades que quer fazer no tempo livre?					
g7. O/A seu/sua filho(a) sentiu que os pais o/a trataram com justiça?					
g8. O/A seu/sua filho(a) divertiu-se com outros rapazes e raparigas?					
g9. O/A seu/sua filho(a) foi bom/boa aluno(a) na escola?					
g10. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se capaz de prestar atenção?					

FILHO 3

2. Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)? _____

3. Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz ?

Rapariga Rapaz

4. O seu filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-adia?

Sim Não

Se sim Qual? _____

Pense na última semana...	Nada	Pouco	Moderada-mente	Muito	Totalmente
g1. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se bem e em forma?					
g2. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se cheio(a) de energia?					
g3. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se triste?					
g4. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se sozinho(a)?					
g5. O/A seu/sua filho(a) teve tempo suficiente para si próprio(a)?					
g6. O/A seu/sua filho(a) tem sido capaz de fazer atividades que quer fazer no tempo livre?					
g7. O/A seu/sua filho(a) sentiu que os pais o/a trataram com justiça?					
g8. O/A seu/sua filho(a) divertiu-se com outros rapazes e raparigas?					
g9. O/A seu/sua filho(a) foi bom/boa aluno(a) na escola?					
g10. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se capaz de prestar atenção?					